

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação – FaE
Formação Intercultural de Educadores indígenas – FIEI

**"Tempos de resguardar": a luta contra a COVID-19 no
território Xakriabá e a força das mulheres indígenas.**

DAIANE GONÇALVES

Belo Horizonte
2022
DAIANE GONÇALVES

DAIANE GONÇALVES

**Tempos de resguardar'': a luta contra a COVID-19 no
território xakriabá e a força das mulheres indígenas.**

Percurso Acadêmico apresentado ao curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) Habilitação em Matemática, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Paulo Maia

**Belo Horizonte
2022**

Resumo

O tema geral deste percurso acadêmico, a saber, "tempos de resguardar" é muito importante para o povo Xakriabá, tendo sido este o grande desafio que enfrentamos durante o longo período de COVID-19 no nosso território. Em um dos momentos da pandemia bloqueamos as principais estradas de acesso para o território xakriabá, fechando porteiros para barrar esse vírus muito violento que surgiu na China. A ideia das nossas lideranças foi nos proteger imediatamente desse vírus devastador que não podia naquele momento adentrar em nossas comunidades. Foram cinco meses de bloqueio e muita luta, mas mesmo assim ainda surgiram casos e vítimas fatais em alguns lugares do nosso território. Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas seis entrevistas: uma com Edivaldo Gama, uma com Edivaldo Gomes, uma com Adão Gonçalves, uma com Nety Xakriabá, uma com Delcina e uma com dona Severina. Neste trabalho, ainda destaco o trabalho de sete mulheres que vêm sendo reconhecidas pelo seu povo e pelo mundo como lideranças indígenas, todas do seu jeito e forma: Célia Xakriabá, Artemísia Xakriabá, Nety Xakriabá, Sônia Guajajara, Txai Suruí, Joênia Wapichana, Samara Pataxó. Mulheres indígenas é uma força que vem dos ancestrais que nos traz conhecimentos, muitas mulheres protagonistas do seu povo. Destacando as principais frente de luta dessas mulheres, realidades vividas por elas na atualidade e, principalmente, as forças dessas mulheres indígenas, protagonistas do seu povo. Este trabalho pretende contribuir para deixar registrado esse momento difícil vivenciado por todos nós no território xakriabá com a chegada dessa nova doença, a COVID-19.

Palavras-chave: lideranças indígenas; mulheres indígenas; juventude xakriabá. COVID-19; território xakriabá; ancestralidade.

Agradecimentos

Agradeço a Deus em primeiro lugar, agradeço também ao meu povo xakriabá que se não fosse por eles eu não estaria aqui, e aos lideranças que me deram a sua assinatura e depositaram a sua confiança em mim, a minha família Gonçalves e a minha família Santiago, também a minha mãe e ao meu pai, Adão e Delcina, meus irmãos Adrynawã e Adriel, minhas irmãs Andréia, Francinete, Maiane e Maêmes, meus sobrinhos Talles e Gael, meus tios e avós, e é claro que não poderia esquecer do meu avô Amerindo, que sempre deu total apoio aos seus netos para que estudasse, se hoje eu cheguei até aqui devo tudo isso a ele, infelizmente meu avô não está aqui hoje para ver onde seus netos chegaram com seu empenho, pois em 2005 ele veio a falecer, mais tenho certeza que lá de cima ele está feliz por esse momento, agradeço ainda meus cunhados, meu namorado Alessandro, pelo apoio de todos durante esse período do curso. Não podia deixar de agradecer também as grandes lideranças do meu território xakriabá, ao cacique Domingos Nunes, aos grandes líderes o cacique Rodrigão (em memória) o cacique Rosalino (em memória), que deixaram os seus legados ao nosso povo, lutam constantemente para defender os nossos direitos, morreram lutando para nos manter na nossa sagrada terra. Estendo meus agradecimentos até ao seu Valdemar Xavier mais conhecido como seu Valdim (em memória) um dos grandes líderes que fez parte do colegiado da UFMG. Além da minha comunidade, a minha pequena grande aldeia Imbaúba. Aos professores e serviços da Escola Estadual Indígena Bananeira, à liderança da minha aldeia Adão.

Não posso esquecer de agradecer também aos meus entrevistados, seu Divaldo Gomes, meu pai Adão, minha irmã Nety Xakriabá, seu Divaldo Gama, sem vocês este trabalho não seria possível. Agradeço meus colegas xakriabá, pataxó, pataxó Hãhãe, pelo esse tempo de convivência, momentos de troca de conhecimentos, não fomos apenas colegas, durante esse período de curso nos tornamos uma grande família, agradeço ainda aos professores e bolsista pela paciência, pela dedicação e pelo cuidado que sempre tiveram com todos nós. Em especial ao Genilson Soares pela ajuda durante todo esse período, me ajudou bastante. Ao meu orientador Paulo Maia, pelas suas orientações, pelo tempo dedicado ao meu trabalho, pela dedicação e pelo empenho durante esse

momento de percurso. Em especial a UFMG por ter aberto as suas portas para meu ingresso nessa faculdade tão grandiosa.

Hoje só tenho a agradecer e agradecer a todos pelo a existência de cada um na minha vida, dizer que essa minha passagem pela UFMG foi uma grande experiência para mim, posso com certeza afirmar que uma experiência única só quem já passou ou está aqui sabe como é. Realmente está numa faculdade tão conhecida é um motivo de orgulho tanto para mim, quanto para meu povo Xakriabá, pois sem eles eu não estaria aqui, quando um indígena conquista algo ela é conjunta, conquista de todo um povo, porque eu não estou aqui eu só e sim representando um povo de mais de 12 mil pessoas, então essa minha conquista é de todos, de cada um, pois sem o meu povo eu nada sou.

Então muito obrigada meu povo Xakriabá, pelo apoio e pela confiança em mim, foi um orgulho representar meu povo durante esses 4 anos, só tenho agradecer pela força das lideranças e comunidade ao seu povo. Agradeço a todos que contribuíram direto ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

AHIANTÃ.

Lista de Figuras

- Figura 1:** Mapa de postos de Saúde- Povo Xakriabá 35
- Figura 2:** No monitoramento também há aprendizado. A liderança adão da aldeia Imbaúba fazendo a construção de uma cama usada pelos nossos antepassados, ensinando as crianças ali presente. 63
- Figura 3:** Monitoramento Xakriabá. Pessoas começando o dia já prontas para preencher as fichas com os dados das pessoas que irão passar nesse local durante o dia. Principal entrada do território..... 63
- Figura 4:** Coletando informação de pessoas que passavam no monitoramento. Preenchendo as fichas com dados das pessoas que passavam no local, aonde ia, se voltava no mesmo dia, qual sua aldeia. Nessa imagem está eu e as minhas duas irmãs fazendo esse trabalho. 64
- Figura 5:** Cabana construída pelas pessoas do monitoramento para se abrigarem do sol, com a ajuda das pessoas que ali estavam, cada grupo fez um pouco nessa construção, uns faziam uma parte em dia e os outros terminavam no outro dia e 64
- Figura 6:** do território Xakriabá. Por tempo indeterminado fica expressamente proibido a entrada de pessoas não indígenas dentro do território da etnia Xakriabá, faixa colocada para que as pessoas pudessem ver e entender do que se tratava..... 65
- Figura 7:** Responsáveis pela coleta de dados. Eu e minhas irmãs, responsável pela coleta de dados desse dia. Coleta cedido pelo pessoal da saúde, SESAI 65
- Figura 8:** Foto da cabana do monitoramento no período da noite, com a presença só dos homens, nesse momento as mulheres estavam preparando a janta. Os nessa imagem está jogando dominó para passar o tempo..... 66
- Figura 9:** Hora da refeição. Hora do lanche para os participantes ali presente, com alimentos levado pelo pessoal mesmo e algumas doações dada pelas pessoas que passavam por ali, e alguns vizinhos que nos ajudavam. 66
- Figura 11:** Preparação do alimento, hora das mulheres fazerem a janta, todas as mulheres ali presente se deslocava para a casa mais próxima do bloqueio para ajudar na preparação da mesma. Os homens cortavam a lenha e carregava até esse local. 67
- Figura 10:** Preparação de chá com ervas medicinais do nosso território, para se manter na ativa, plantas trazidas no período da tarde pelo uma pessoa responsável por trazê-las para a preparação do chá. 67

Figura 12: Fogueira para nos aquecer a noite, momento de sentar a beira da fogueira, fazer um chá e contar histórias, lenha retirada pelos homens.	68
Figura 13: Chegada do pessoal da parte da tarde ao local do monitoramento para passar a noite, muitas pessoas deixavam para ir no período da tarde já prontos para a noites pois muitos de dia tinha outros afazeres.	68
Figura 14: Célia Xakriabá na reunião do martírio da morte de Rosalino Gomes, onde foi lançada sua pré candidatura deputada Federal dentro do território.	69
Figura 15: Joênia Wapichana deputada federal numa reunião com sua comunidade. ...	69
Figura 16: Sônia Guajajara em um movimento assim como muitos que ela participa...	70
Figura 17: Txaisurui.....	70
Figura 18: Artemisia Xakriabá	71
Figura 19: Samara Pataxó	71
Figura 20: Nety Xakriabá, vice-liderança	72
Figura 21: Divaldo Riachinho e QRCode da entrevista.	73
Figura 22: Adão de Merindo e QRCode da entrevista.	74
Figura 23: Nety Xakriabá e QRCode da entrevista	75
Figura 24: Edvaldo Olhos d'agua e QRCode da entrevista	76

SUMARIO

Introdução	9
Lideranças indígenas no enfrentamento da COVID-19	16
1.1. Liderança do Sr. Adão de Merindo	16
1.2. Juventude Xakriabá	20
1.3. Monitoramento da Terra Indígena Xakriabá	22
1.4. Exames e diagnóstico.	28
1.5. Campanha de vacinação contra à COVID-19.	29
1.6. Plantas e proteção	32
1.7. Resguardo tradicional e pandêmico	32
Pikõ Dasiwamhâri	36
2.1. Mulheres da Ancestralidade	36
2.3. Mulheres Indígenas no Brasil	37
2.3. Comitiva indígena na COP26.	42
2.4. Uma jovem líder que nasceu para liderar: Nety Xakriabá	43
Poesias	49
3.1. Aldeia imbaúba	49
3.2. Nos dias atuais	55
Considerações Finais	60
Referências	62
Álbum de Fotografias	63
Anexos	73

Introdução

O território indígena xakriabá é dividido em 36 aldeias e a população é de cerca de 12 mil índios. A área demarcada é de aproximadamente 53 mil hectares. Os xakriabá tem o seu território demarcado, mas ainda estamos lutando para demarcar toda a nossa terra a qual temos direito, para que as futuras gerações possam ocupar todo esse espaço deixado pelos nossos antepassados conquistados através de muitas lutas e sangue derramados.

A vegetação é basicamente de caatinga e cerrado. Onde é possível encontrar muitas plantas, entre elas a barriguda muito conhecida no território. Em relação à caça na minha aldeia essa prática ainda é bastante usada pelos jovens e alguns anciões. Temos uma vasta variedade de caça que ainda podem ser encontradas no território xakriabá por exemplo: mechila, mocó, teiú, tatú, entre outros. E são diversos objetos de caçada como: armadilhas com pedras, armadilhas com pau, arapucas, estilingue, bodoque e outros. Geralmente os animais de caça são usados para o consumo próprio, e às vezes alguns animais são colocados para fazer remédios adversos. Para algumas enfermidades.

O clima é bastante variável de outubro a março é o período das chuvas, onde pode se perceber que é o período que o território fica mais bonito, pois as matas ficam todas verdes, os riachos correm água, como dizem os mais velhos é tempo de fartura. Abril até junho é o tempo do frio chegar por aqui. Julho a setembro é o período da seca e do calor constante, também é o momento de as árvores caírem as folhas e fica tudo seco, aí já começam os preparativos dos roçados nas aldeias.

A minha pequena grande aldeia chamada imbaúba, composta por cerca de 150 famílias, contendo duas escolas, é uma aldeia pequena onde todo mundo se conhece. Ela recebeu o nome de imbaúba por ter muitas árvores neste local chamado imbaúba, aqui bastante usada para fazer remédios, como por exemplo: fechar o corpo, e chás para ansiedade etc.

Comecei a estudar com 7 anos de idade. A sala onde as crianças estudavam era na sala da casa do meu avô, pai do meu pai, ele cedeu esse espaço da casa dele, para que seus filhos mais novos e algumas crianças vizinhas tivessem acesso ao estudo, pois não queria que eles dependessem somente do serviço da roça.

A partir do ano 1997 que a escola indígena xakriabá foi aprovada, na aldeia Brejo Mata Fome, e logo em seguida se expandiu por todas as aldeias, foi quando surgiram as escolas vinculadas a sede que era dessa aldeia, uma delas era a aldeia imbaúba.

As crianças xakriabá antes só estudavam com professores não indígenas até concluir o quinto ano do ensino fundamental, os professores eram totalmente despreparados para ocupar esse cargo, porque não sabiam como lidar com a realidade das crianças indígenas, e para complicar quase toda semana tinha troca de professores, um vinha não ficava e aí trocando até vencer o ano letivo. Muitos daqueles professores costumavam aplicar castigos severos, que na maioria das vezes só serviam para traumatizar as crianças, que acabavam não voltando mais para a escola.

Depois de muita luta dos nossos caciques e lideranças, a escola indígena finalmente foi criada com o objetivo de atender muitas crianças, jovens e adultos xakriabá. Professores indígenas foram contratados, pois são eles que entendem a realidade do seu povo, e buscam todos os dias afirmar a nossa identidade e valorizar a nossa cultura e nossas crenças.

Quando a escola chegou nas aldeias como membro da escola sede, muitas dessas aldeias não tinham espaço para funcionar uma escola, foi o que ocorreu na aldeia imbaúba, foi então que o meu avô decidiu ceder a sala da sua casa, para que os alunos pudessem estudar. Com todo esse esforço do meu avô, o diretor da época decidiu colocar uma das minhas tias para atuar como professora, por já ter concluído a quarta série, tinha sido escolhida para ser professora. Além disso, ela já atuava no brejo, trabalhando em sala de aula.

Nesta sala improvisada na casa do meu avô, funcionavam quatro turmas da primeira à 4ª série. De manhã estudavam primeira e segunda série, à tarde estudava terceira e quarta série. O espaço era pequeno e a sala ficava muito cheia, mas com dedicação dava para aprender. Nessa época os alunos que fossem estudar a quinta série tinham que se deslocar para outra aldeia vizinha para concluir o ensino fundamental, mais próximo era aldeia brejo que ficava aproximadamente 6 quilômetros de distância.

Graças a Deus quando cheguei na 5ª série já tinha sido aprovada as turmas do 6º ao 9º ano na minha aldeia.

Em 2005 fizeram um grande mutirão para construir uma escola mais espaçosa, com a ajuda de toda a comunidade essa escola foi construída. Mas ainda continuava no quintal da casa do meu avô. Foi construída com telhas brasilit, que é uma espécie de telha que esquentava bastante no período do calor, e essa construção foi chamada de barracão, o barracão foi usado durante cinco anos até chegar à construção das novas escolas, que foi implantada em 2009. A construção dessa nova escola começou em meados de 2009, e só foi concluída e entregue em 2010.

Neste mesmo ano os alunos inclusive eu comecei a estudar na nossa escola, com mais espaço, mais estrutura era uma sala confortável com quatro salas, banheiro e cantina,

acomodava muito bem todos os alunos. E o local escolhido para a construção dessa escola foi aqui do lado da casa do meu pai, que hoje é liderança da minha comunidade, ele cedeu o espaço para a construção e contou com o apoio da comunidade para que essa obra fosse implantada aqui mesmo. E essa sem dúvidas foi uma das maiores conquistas da minha aldeia.

Em 2013 cheguei ao ensino médio, eu e minha irmã, passamos a estudar na aldeia Brejo, tínhamos que irmos a pé porque não tinha transporte para os alunos nesse ano, saíamos de casa as 16:00 horas da tarde, para chegarmos lá 16:50 e entrávamos na sala de aula 17:00 horas, o nosso horário de retorno para casa era sempre as 21:00 horas. No final de 2015 concluímos o ensino médio.

Depois de concluir o ensino médio a minha expectativa era ingressar numa universidade, foi então que eu resolvi fazer a inscrição para o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tentei em 2015 não deu certo, mas não desisti fui tentando e tentando, até que em 2018 me inscrevi para habilitação em matemática, quando saiu a lista dos aprovados descobrir que estava na segunda chamada, esperando uma oportunidade para ingressar na UFMG.

A minha ida para a UFMG foi algo que vou guardar para sempre, pois essa seria a minha primeira viagem para longe de casa, longe da família. Toda a turma xakriabá que ia viajar para Belo Horizonte se reuniu no município de São João das Missões para embarcar no ônibus fretado por nós para nos levar nessa viagem, antes do motorista ligar o ônibus para sairmos sempre fazemos uma oração para Deus nos guiar na viagem.

Quando cheguei em Belo Horizonte foi tudo novo para mim, não conseguia me acostumar com o barulho dessa cidade, pois o lugar de onde vinha era tão calmo e tranquilo, que me perdia nessa cidade agitada.

O primeiro dia na universidade foi difícil pois não conhecia nada dentro da universidade, além de vários colegas novos que vinham de outros lugares e até mesmo de outros estados. O que me deixou mais nervosa naquele dia foi o horário do almoço, quando me deparei com aquele tanto de pessoas que estavam no bandeirão, foi uma sensação que parecia que todos estavam me olhando, e que qualquer hora eu ia fazer algo de errado em meio aquela multidão.

O tempo foi passando e durante uma aula da professora Vanessa, ela nos pediu para escolhermos o tema de pesquisa, foi então que eu decidi contar um pouco sobre o papel das lideranças na comunidade. Pois sempre tive interesse de pesquisar sobre esse tema, entender como é as suas lutas diárias dentro do território, além disso o meu pai é um liderança, e

costumo acompanhá-lo em algumas reuniões e movimentos, com isso o meu interesse só aumentou diante do mesmo, mas também porque tenho uma grande admiração por tudo que eles representam dentro do território xakriabá, além de ser um trabalho que exigem muito deles, nem sempre são reconhecidos, não recebem nada em troca de um trabalho tão significativo para seu povo.

Depois de pouco tempo da escolha do tema surgiu Paulo Maia para ser meu orientador. As coisas foram acontecendo e no início deste ano de 2020, veio a pandemia do novo coronavírus, ou seja, a COVID-19, foi então que o meu orientador, Paulo Maia, e eu, chegamos à conclusão de mudar um pouquinho o tema: retratar o papel das lideranças na luta contra a COVID-19, pretendo também falar das mulheres xakriabá e o seu protagonismo nessa luta. Essa que está sendo no momento a principal frente de luta do nosso povo, e o inimigo dessa vez é o mais difícil de todos que já enfrentamos, por ser um vírus que age no silêncio, e não escolhe a quem contaminar.

A nossa maior preocupação são as nossas crianças e os nossos anciões [pois hoje temos anciões que atuam como liderança e esses não desistem de estarem de frente na luta]. Como o meu pai é a liderança da minha comunidade, nós familiares e demais pessoas também estamos presentes nessa luta, fazendo de tudo para conscientizar as pessoas sobre o quanto perigoso é esse vírus.

Pois nós xakriabá não temos um hospital que tenha suporte e nem estrutura, para atender a nossa população. Um dos fatores mais preocupantes são vários jovens inconsequentes que acreditam terem uma saúde de ferro e nada vai os atingir, e saem por aí sem proteção alguma sem nem se importar com os demais.

Devido a tudo isso que eu presencio este tema será muito importante para mim e para a minha formação, e principalmente fazer o registro e contar um pouco sobre essa nova realidade do meu povo e assim poder mostrar essa nova rotina, que não está sendo fácil. Será de fundamental importância, pois no futuro quando tudo isso passar esse será um registro que ficará registrado dessa nossa luta contra esse único inimigo a COVID-19.

Nasci no ano de 1995 no mês de novembro, sou a terceira filha de Adão Gonçalves e Delcina Paulo Santiago, tenho 25 anos e 6 irmãos, 4 meninas e 2 meninos. Moro na minha aldeia desde que nasci. A nossa infância foi muito boa apesar das dificuldades, éramos muito felizes. Brincávamos o dia inteiro nas matas próximas de casa, eu, meus irmãos e alguns primos que moravam perto de casa.

O meu pai todo ano tinha que sair para outros estados a procura de serviço para nos manter, por isso passávamos mais tempo com a minha mãe, a responsabilidade de nos educar ficava por conta dela, porque o meu pai só regressava para o território no final do ano, passava mais tempo viajando de que com sua família. No máximo, ele ficava aqui em casa por dois meses.

Mas sabíamos que ele estava fazendo isso para que a gente não passasse fome, pois naquela época trabalho aqui dentro da reserva era praticamente escasso, quem quisesse manter sua família a solução era sair para outros estados, e deixando no território seus familiares.

Mais graças a DEUS em casa nunca faltou nada para me e meus irmãos, pois meu pai e minha mãe se dedicaram ao máximo para que isso não acontecesse, pois eles não queriam nos ver passando dificuldades assim como eles já passaram um dia, e sabiam como doía a dor de uma barriga vazia sem ter o que comer.

Eu comecei a estudar com 7 anos de idade porque naquela época as crianças já começavam estudar diretamente na primeira série, e assim se conseguisse passar de ano seguia adiante, os alunos eram todos misturados era multisseriados, também por existir apenas uma sala de aula na minha aldeia.

Nelas só estudavam os alunos da 1ª a 4ª série, os outros alunos da 5ª a 8ª estudava na sala fechada chamada de barracão, onde todos estudavam no mesmo horário e todos juntos, uma sala que era muito abafada, e com poucas cadeiras, muitas vezes tínhamos que nos sentar até de dois, para não perder o dia de aula. Mas para os alunos estudar na sala chamada barracão era um verdadeiro privilégio, todos aguardavam esse momento como se fosse entrar numa faculdade.

Estudei nessa escola até concluir a 8ª série, porque depois tive que estudar na aldeia Brejo, no período da noite eu e a minha irmã, a nossa maior dificuldade era no período da chuva por ser uma estrada muito ruim e dava muita lama nós gastávamos mais tempo para chegar na escola, e muitas vezes tínhamos que sair de casa mais cedo, além de faltar energia com frequência nesse período retornamos para casa antes do escurecer.

No 2º ano já tinha transporte para os alunos da aldeia imbaúba, por isso os alunos da minha aldeia saíam todos juntos e no mesmo horário para pegar o ônibus que vinha nos pegar na frente de casa. Mas só era possível ter transporte no período da seca pois quando chovia a gente tinha que encontrar meios de chegar ao local escolar.

Então em uma noite meu primo me ligou e me avisou que eu havia sido chamada para estudar na UFMG, nesse momento não pude acreditar que estava realizando um sonho, mais que essa conquista não era só minha mais também do meu povo xakriabá pois eu seria mais um dos estudantes que representaria meu povo.

A minha alegria só não foi maior porque o meu avô, em 2005 veio a falecer e não podia comemorar comigo essa conquista, porque o seu maior sonho era ver seus netos ingressados numa faculdade. Tenho certeza de que lá de cima ele vibrou com essa notícia também. Agradeço muito a ele pelo empenho em ceder a sala da sua casa para o nosso começo, e que isso só foi possível graças ao seu esforço.

Quando cheguei na universidade no primeiro dia observei tudo, achei tudo lindo e sentia orgulho de estar ali, conhecer a minha turma foi algo que não tem explicação, embora estava morrendo de nervosismo, ver aquelas pessoas, era outro povo, outra cultura que estava ansiosa para conhecer. Mais logo fui me enturmado com o pessoal e acabamos nos tornando amigos, ou uma família de certa forma, pois conviver com eles todos os dias era algo bom que já estávamos acostumados, pois eles não eram mais desconhecidos e sim colegas, companheiros de curso.

Essa foi uma das maiores experiências da minha vida com essa turma, aprendi a compartilhar e também a receber conhecimento, passei a admirar outros povos, e conhecer suas lutas, que não são muito diferentes do meu povo. Que sempre lutou para que pudéssemos ingressar numa universidade, e que estamos lá hoje devemos isso a eles, nossos guerreiros.

Que também lutou por cada pedaço desse chão que habitamos hoje, muitos deram suas vidas para que pudéssemos percorrer todo nosso território com liberdade de ir e vir, o nosso chão é sagrado pelo sangue derramado dos nossos anciões.

Antes do começo do meu trabalho veio a pandemia, que nos surpreendeu, foi aí que tive que fazer uma pequena mudança pois em meio a pandemia veio o monitoramento das principais entradas do território. E o meu foco agora se voltou para o papel das lideranças em tempos de pandemia, e o que mudou dentro do território com a chegada desse vírus.

Em muitas coisas tive que fazer adaptações, como por exemplo as entrevistas, rodas de conversas, por que no momento estar em casa é a nossa prioridade, mas sabemos que o

trabalho não pode parar, e tivemos que encontrar novos caminhos para chegar aos nossos entrevistados mais sem nos colocar em risco e preservá-los também.

Minha experiência na sala de aula com os meus estudantes, tem se tornado mais fácil com os conhecimentos adquiridos na UFMG, posso dizer que nesse momento na universidade a gente aprende como desenvolver melhor as nossas atividades com os nossos estudantes, além disso trazemos as nossas experiências para dentro da sala de aula.

Muita aprendizagem dentro da UFMG, que certamente levarei para a minha vida toda, com certeza esses novos conhecimentos são de grandes valores não só para mim e meus estudantes, mas para meu povo. E também para a minha formação como professora indígena.

Ser professora indígena é algo de muito orgulho pra me que sou uma professora indígena Xakriabá, ainda mais quando se torna professora e já tendo o conhecimento do seu povo e estudando numa universidade a qual só nos fortalece como indígenas, nos mostrando que somos capazes. Que podemos ser quem você é sem deixar de ser quem somos.

Capítulo 1

Lideranças indígenas no enfrentamento da COVID-19

1.1. Liderança do Sr. Adão de Merindo

No de 1969 no mês de maio o meu pai Adão Gonçalves de Oliveira nasceu, ele é o terceiro filho do casal senhorinha Gomes de Oliveira e Amerindo Gonçalves de Deus, ele faz parte de uma família grande com 15 integrantes, a sua família era composta por 9 irmãos homens e 4 mulheres, ter uma família grande naquela época era um grande desafio, pois tudo era mais difícil.

Inclusive para arrumar emprego porque os serviços eram bem escassos, quando arrumava era uma empreitada que tinha vezes que durava uns setes dias a um mês, na maioria os meus avós não pegavam dinheiro trocava os dias de serviço em alguns alimentos. E quando pegavam algum dinheiro compravam tecido para fazerem roupa para seus filhos.

O meu pai conta que mesmo sendo uma família grande os irmãos eram todos unidos assim como continua até hoje. E quando as coisas apertavam eles ficavam todos juntos, se fosse para passar fome que passasse todos juntos, o que um comia todos comeriam. Muitas das vezes o meu avô e minha avó dormiam com fome porque as comidas não davam para alimentar todos, e eles eram obrigados a fazer esse sacrifício pelos seus filhos que ainda eram todos pequenos.

A alimentação era produzida em casa, pisavam milho que era plantado nas suas roças, para assim tirar a canjica e o fubá para fazer biju para tomar café no outro dia, moía cana para tirar a garapa para ser tomada com biju, pois não tinha açúcar e para comprar era muito difícil. Não tinha mercados próximos, até mesmo no município era difícil de encontrar algum.

Além do mais o transporte era os animais, cavalo, burro, jegue entre outros, e na maioria das vezes era a pé, era dessa forma que o pessoal se deslocava de um local para outro, não importava a distância, eles iam.

Quando os meninos ficaram grandinhos e já davam conta de pegar numa ferramenta o meu avô levava eles para a roça com intuito de ensiná-los a trabalhar no manejo da mesma, mas antes disso tinha que ir à escola que ficava uns 6 quilômetros de distância. Naquele período só funcionava em uma sala de aula a escola era todos misturados multisseriados da primeira à quarta série.

O meu pai conta também que não conseguia aprender nada, além disso a professora era branca e não respeitavam os costumes do nosso povo, maltratava os alunos sem dó nem piedade. Colocavam eles de castigo ajoelhados em caroços de milho, ou batia em suas mãos com a famosa palmatoria, por isso muitos alunos desistiam da escola com medo da tortura que eles sofriam por parte da professora.

No período da juventude meu pai e o seu irmão Darcy vendo a situação dos seus pais para criar seus irmãos decidiram então sair de sua aldeia e buscar melhoria para sua família, viajaram para outra localidade com objetivo de arrumarem emprego. Com 14 anos de idade e seu irmão com 13, conseguiram um emprego numa fazenda lá na Iuma, perto de Montalvânia, trabalhando no roçado, e ganhava por diária. Para chegar nesse local gastarão um dia de viagem a pé. E ficaram lá um mês sem voltar para casa, passava fome, e era um trabalho terrível e pesado.

Mas não pararam só por aí não também viajaram para outros estados, para adquirir suas coisas, porque o que ganhavam nesse outro emprego quase não dava. Ele sempre estava acompanhado do seu irmão que eram inseparáveis, mais por serem quase da mesma idade.

A primeira vez que eles saíram para outro estado foi para um lugar chamado Grabe na divisa de Goiás, trabalhava com café, colher, bater veneno e outros. Para chegar até esse local viajava em um caminhão de latão, com os bancos de madeira, uma viagem muito desconfortável que durava um dia e meio, era muito ruim principalmente no período do calor, e quando chovia tinha que ir em pé para não se molhar.

Na hora da refeição a comida era muito ruim já encontraram até perna de sapo dentro da mesma, entre outras coisas, uma realidade vivida pelas pessoas que se arriscaram no mundo em busca de uma vida melhor. Muitos dos que iam não retornavam para suas aldeias, sumiram e não tinha notícia mais, não sabiam se estava morto ou vivo.

Meu pai também conta que não podiam falar que era indígena, pois sofriam perseguições, muitos não gostavam do nosso povo, eles mentiam sua identidade com medo do que podiam acontecer com eles, tinha que falar que era morador do município, para poderem conseguir emprego pois naquela época o nosso povo não era aceito em nenhum lugar.

Toda vez que um saía para o mundo era acompanhado do outro, pois já tinha se tornado parceiros de trabalho. Eles gostavam de contar histórias de suas viagens, o que acontecia com eles nesse mundão histórias engraçadas, caso de confusão e outros, mas a história que mais contavam era sobre futebol, acho que é porque está no DNA da família Gonçalves.

O bom é que com tudo isso ainda sobrava tempo para jogar futebol, mas só no final do ano quando eles chegavam das usinas. Ai sim era torneio para todo lado, e eles saiam de cavalo para ir até o local do jogo, esse era o transporte mais utilizado na época. O torneio durava o dia todo e muitas vezes a noite tinha uma festa que dava bastante gente, a festa era de sanfona um instrumento muito usado nos forros de antes.

E assim foi seguindo a sua vida ajudando seus pais, até que todos ficaram grandes e cada um já dava conta de se sustentar sozinho, com isso meu pai e tio Darcy constituíram suas próprias famílias, o meu pai se casou com uma indígena a minha mãe, já meu tio foi morar em São Paulo e por lá arrumou uma mulher se casou e por lá mesmo ficou.

O meu pai e minha mãe logo se mudaram da casa dos meus avós e vieram morar nessa casa que moramos até hoje, antes ela era do meu bisavô que cedeu para os meus pais morarem. Mesmo depois de casado o meu pai não parou de sair pelo mundo, pois agora tinha uma esposa para sustentar, já que logo viria sua primeira filha, a primeira do casal, e a família ainda iria aumentar mais, um ano depois veio a segunda filha, logo depois a terceira, a quarta a quinta, todas mulheres, mais o meu pai queria um menino homem que só veio dois anos depois da morte da sua sexta filha, que morreu com o chamado mal dos sete dias.

E nesse meio tempo chegando de viagem para conhecer o meu irmão que tinha nascido quando o meu pai viajava, já chegando em casa aconteceu um acidente, o foguete estourou na mão dele, causando a perda da parte de sua mão direita, os meus tios que também estavam retornando com ele se desesperaram sem saber o que fazer e como iriam contar para toda a família esse terrível acidente. Neste mesmo ano, o tio Darcy também havia retornado para rever sua família depois de muitos anos sem vir aqui no território.

Desse mesmo local o meu pai foi levado ao hospital e ficou internado por sete dias, assim que recebeu alta foi trazido para casa de vó onde todos aguardavam para ver a proporção desse ocorrido. Quando ele chegou e começou desenrolar a faixa que estava enrolada em sua mão todos se desesperaram com o que viram, meu pai tinha perdido parte da mão e alguns dedos.

Todos choravam ao ver seu sofrimento, e ele só falava como vou sustentar minha família sem poder trabalhar de onde vou tirar meu sustento, esse foi o episódio mais triste que já presenciei, ninguém sabia o que fazer nessa situação. Mais os dias foram passando e algumas coisas foram se ajeitando. E logo ele conseguiu se aposentar pela firma onde ele trabalhava.

Sem poder sair pro mundo esse era nosso único recurso, que nos ajudava bastante, o meu pai ficava triste já que não podia sair para trabalhar fora, vendo todos seus irmãos

viajando, mais ao mesmo tempo se aproximou mais do meu avô que costumava trabalhar sozinho no roçado, meu pai ajudava como podia, para quem achou que ele nunca mais trabalharia com algumas ferramentas se enganou, o meu pai não se deixou a abater e começou a fazer seus serviços normalmente.

Mas agora junto com meu avô, que sempre estava dando apoio aos seus filhos, tudo que eles faziam era juntos, onde um estava ali também estava o outro. Isso em 2002 por aí. Mais em 2005 o meu vó veio a falecer no mês de maio, foi sua maior perda, meu pai já estava tão ligado a ele, que quando ele faleceu, foi uma grande tristeza, não só para meu pai mais para toda família em geral. Sendo que meu avô era um cara mesmo muito especial e foi uma perda muito marcante em nossa vida.

O meu avô também era muito importante para sua comunidade pois foi ele um dos pioneiros que lutou para trazer a escola para dentro da nossa aldeia, já que ele até cedeu o espaço da sua casa para que isso pudesse acontecer.

Em 2011 para a surpresa de todos depois de dez anos surge o caçula da família um menino. Para minha mãe foi uma gravidez de risco já que ela sentia muitas dores durante sua gestação correndo o risco de um aborto espontâneo, mais graças a Deus deu tudo certo e o bebê veio com muita saúde. E assim a nossa família estava completa.

E em 2013 mais uma tristeza na família o meu tio, irmão do meu pai veio a falecer num acidente de carro, onde estava minhas duas tias que ele estava transportando para o hospital porque uma das minhas tias estava com a perna quebrada, ocorrido no futebol, já chegando perto do município vizinho ele perdeu o controle do carro e capotou, sendo arremessado para fora do carro, sem chance de sobreviver, foi encontrado por algumas pessoas que ali passavam e levado ao hospital já sem vida. A minha tia com a perna quebrada e a outra que a acompanhava teve apenas leves arranhões.

Foram levadas ao hospital e em seguida liberadas, com a triste notícia da perda de seu irmão vieram embora para esperar o corpo junto com seus familiares que se encontravam em desespero por essa tragédia ocorrida.

No ano de 2017 o meu pai Adão Gonçalves, mais conhecido como Dão de Merindo, foi escolhido para atuar como liderança, pela sua comunidade e com o apoio do cacique. Como a comunidade sempre vinha cobrando para ter uma liderança que fosse responsável, e que atendesse a demanda, e principalmente que corresse atrás de melhoria para a sua aldeia. Embora muitas vezes mesmo com a antiga liderança ainda atuando, o meu pai já vinha sendo procurado por alguns moradores, perguntando se ele não tinha interesse de atuar em prol do

seu povo. Muitas vezes ele disse que ajudaria de outra forma, mas não como liderança, mas ele pensava: será que isso é mesmo para mim?

Esse ofício foi passado de pai para filho, já estava no seu sangue, isso significa que na maioria esse dom é passado de geração em geração, muitos já nascem herdando esse dom. esse trabalho exige muito; o meu pai não para em casa, sai cedo e não tem hora para voltar, além de viajar bastante, e o pior nem é isso, vive ameaçado correndo risco de vida, mas guerreiro não foge à luta, continua mesmo diante das dificuldades. O trabalho de uma liderança é 24 horas por dia 365 dias por ano, não tira férias e muito menos é remunerado.

O meu pai busca manter uma boa relação com o pessoal da minha comunidade. Antes de tomar uma decisão, reúne com a comunidade para decidirem qual o melhor caminho a seguir. Nós em casa também debatemos com ele, tentando sempre buscar o melhor para os moradores da aldeia Imbaúba. E às vezes também o ajudamos na questão de algum registro no preenchimento de documentos e também na questão de trazer projetos para beneficiar a nossa comunidade.

Procuo acompanhar o meu pai em algumas reuniões, para me manter informado do que está acontecendo no nosso território, quais as demandas têm para resolver em cada comunidade, porque cada reunião alguma coisa está acontecendo. Costumo mais o acompanhá-lo só dentro da reserva, pois quando ele se desloca para alguma viagem fora do nosso território, é a minha irmã que sempre vai com ele, ela está sendo moldada para se tornar uma grande liderança, e para assumir a vaga de liderança quando o meu pai achar que é a sua hora de sair de cena.

O meu pai procura repassar o seu ofício com cuidado, por ser um trabalho muito difícil e que exige muito de quem encara essa missão de trabalhar com o povo, e para o seu povo. Mas eu tenho certeza de que essa profissão é um dom que já vem com a pessoa desde que nascem, é algo que só uma pessoa iluminada herda de seus ancestrais.

O meu pai é uma pessoa que desde criança, sempre esteve ligado às lideranças, ele juntamente com seu pai, que naquela época era muito conhecido do cacique Rodrigão, e estavam junto com frequência, o meu avô levava o meu pai já para que ele se interesse por esse ofício, assim como meu pai faz conosco agora, herança de geração passada de pai para filho, e assim vai sendo passado o bastão.

1.2. Juventude Xakriabá

A juventude xakriabá é uma geração de jovens guerreiros, fortes que estão presentes na luta do seu povo, em tempos de pandemia não podendo haver qualquer movimento, o

único movimento que eles se envolviam era o monitoramento, muito forte nesse tempo atual. Esse movimento foi muito importante não só para a prevenção da doença, mas também porque tiramos grandes lições desse momento, a mais valiosa, é que o povo xakriabá é um povo solidário que estende a mão quando o outro precisa, a maioria das pessoas que passavam nesse local doavam alimentos, frutas, entre outros, Para aqueles que estavam ali, mesmo sem estar ali presente, era uma forma também de participar.

Muitos jovens que atuam na luta com facilidade, certamente estariam envolvidos, mas também aqueles que nunca saíram do seu território para qualquer combate. Os mesmos também confrontavam se caso precisasse, principalmente se fosse não-índios que chegassem querendo passar sem autorização, ou se fosse rude nas palavras com aquelas pessoas ali presente.

Mesmo com tudo parado nas aldeias, alguns jovens se aventuravam a saírem sem o uso da máscara, sem fazer o uso de qualquer medida de segurança, principalmente nas cidades, onde o foco da doença sempre foi maior, com essa atitude colocavam a população e a si mesmo em risco, pois aqueles que cumpriam tudo certinho, ainda corria perigo de se contaminar. Achando que tudo não passava de brincadeira não se preocupavam com as consequências dos seus atos.

Quando o primeiro caso surgiu aqui dentro do território, foi aí que a população ficou em alerta máximo, esse caso foi confirmado na aldeia prata, um homem que trabalhava em Jaíba do outro lado do rio, no município de Manga, onde ele trabalhava era um lugar que tinha muitos casos confirmados com frequência. Em Jaíba é um local onde muitas pessoas do território xakriabá costumam trabalhar, por ser mais perto de seus familiares de 15 em 15 dias os trabalhadores, podem retornar às suas casas rever seus parentes.

Mas também é bastante perigoso o risco de estarem contaminados, pois muitos não respeitam e nem cumprem a quarentena dos 7 dias. Além de não passarem em nenhuma unidade de saúde, no começo do bloqueio, pedimos aos trabalhadores deste local que não viessem com tanta frequência para dentro do território, ou deveriam decidir se ficariam fora ou dentro do território, porque era a segurança da nossa população que estava em jogo.

Os mesmos só permanecem na reserva no máximo 3 dias e retornam ao seu ofício novamente, caso estejam infectados, contaminam seus familiares e algumas pessoas que convivem juntos. E assim espalham o vírus dentro do território.

1.3. Monitoramento da Terra Indígena Xakriabá

Em uma decisão entre a organização interna do povo xakriabá; temendo que a pandemia pudesse chegar por aqui, as lideranças então decidiram fechar as principais entradas do território xakriabá, tomando essas medidas de segurança, para evitar o contágio da nossa população. Como podemos ver nesse trecho da entrevista do senhor Edivaldo Gama, liderança da Aldeia Olho d'Águão (2021):

“Essa ideia surgiu rápida de uma noite pro dia porque a gente preocupou muito com os nossos, é a nossa família do povo xakriabá aqui da aldeia em geral, então a gente teve essa preocupação, não teve tempo de ter uma reunião geral, modo de que foi muito rápido, ele [a COVID-19] atingiu muito rápido, não deu tempo de ter essa ideia nem reunir”.

Cada representante da sua aldeia que morava mais perto da entrada da reserva tinha que por obrigação participar do monitoramento das entradas, a liderança juntamente com a sua comunidade, professores, moradores, crianças etc. faziam a vigília o dia todo para que por ali, não entrasse pessoas brancas e nem pessoas que viam de outros estados. Para poder entrar no território, a pessoa que estava chegando de outros estados e regiões próximas, era preciso passar no hospital pegar um atestado médico, para provar que não tinham risco de estarem infectados, e assim quando apresentasse esse atestado na barreira sanitária então podia ser liberado. Mas ainda era recomendado cumprir uma quarentena de 7 dias sem sair de casa, no caso de apresentar alguns sintomas não contaminava ninguém, porque até seus familiares saíam de casa até esse período passar ou cumpria a quarentena juntos também se assim preferir.

Como eu sou filha da liderança Adão, da aldeia imbaúba não poderia ficar de fora desse movimento, fazíamos o bloqueio na principal entrada do território xakriabá na aldeia Riachão que fica alguns quilômetros de onde nós moramos; como tem muitas aldeias próximas dessa entrada cada aldeia era responsável por um dia da semana, a minha aldeia ficou responsável de estar presente toda segunda-feira. Eu, meu pai, e minhas irmãs éramos os primeiros a chegar nesse local, às 5:00 horas da manhã toda segunda estávamos lá, com frio, calor ou chuva. Assim como relata o senhor Edivaldo Gama, nesse pequeno trecho de sua entrevista liderança da Aldeia Olho d'Águão (2021):

“Também as pessoas que iam [no monitoramento], iam muitas mulheres e pessoas juntas ali também família que ajudava pessoa preparando o alimento de outra pessoa então todo mundo empenhou num só sentido é como uma mãe de família olha uma casa olha todos os filhos na sua casa bem assim eu vi que aquele sentido do pessoal das mulheres também era nesse sentido e para cuidar cuidando ajudando cada um e aquele sentido que fazia era

tratando cada um daquela maneira que cada um ficasse protegido daquela preocupação que estávamos."

A partir das 7: 00 horas da manhã o restante do pessoal começava a chegar para mais um dia de batalha. O meu pai sempre ficava controlando a entrada das pessoas, principalmente dos não-índios, que só podiam entrar no nosso território se tivessem trazendo alimentos e mesmo assim com autorização do cacique Domingos.

Na primeira semana a gente só ficava das 7: 00 horas da manhã até as 22: 00 horas da noite. Mas como depois desse horário estavam passando muitas pessoas desconhecidas sem informar endereço de onde ia, foi decidido que o pessoal passaria a noite também. A tardezinha as mulheres preparavam a janta, e os homens pegavam lenha para a fogueira da noite. De noite os mais velhos contavam histórias, para passar a hora, pois muitos durante a noite não dormiam, ficavam acordados para vigiarem a cancela. Segundo o senhor Edivaldo Gama (2021), liderança da aldeia Riachinho, nos conta:

"A gente tava ali por perto para às vezes perguntar alguma coisa nós não tava muito pertinho aproximando do outro, mas tava uma distância que ouvíamos o que o outro vizinho de fogo dizia. Então a gente aprendeu muito, a gente fazia um chazinho de algumas plantas aqui da mata que a gente conhece, que é bom para remédio, pois a gente ficava no sereno, a gente ficava ali e de manhã cedo já começava o sol, então a gente tomava esse remédio e ia controlando".

O monitoramento durou 5 meses, desde o mês de abril que começou, esse movimento e finalizou no mês de setembro pois muitos já não compareciam no seu dia. As lideranças tiveram uma grande participação nesse movimento pois se não fossem eles, o vírus teria chegado antes é mais forte aqui dentro do nosso território. As nossas lideranças têm papel fundamental dentro do nosso território xakriabá, cada liderança dentro da sua comunidade é uma autoridade de certa forma. São elas que buscam os nossos direitos, que correm atrás de melhoria para seu povo. Acabavam motivando os jovens também a partir de suas lutas, os jovens começam a acompanhá-las com objetivo de aprenderem o seu ofício, pois a luta é uma herança que é passada dos mais velhos para os mais jovens. Como contou Edivaldo Gomes (2021):

"a gente tava lá bem de todos, pra defender, pra livrar de uma coisa né, essa COVID veio, viu que atrapalhou muito, muitas coisas mesmo e assim, eu penso, tinha que ter continuado aquele bloqueio, porque depois que saímos de lá, foi que os casos aumentou".

Mesmo que não seja ainda muito expressiva a participação de uma mulher entre as lideranças, as mulheres estão cada vez mais ocupando seus lugares. Não é porque elas não são lideranças no papel, que elas deixam de ser protagonistas da luta do seu povo, também

hoje podemos perceber que no Brasil, tem muitas mulheres indígenas bastante conhecidas em todo território nacional. As xakriabá são jovens guerreiras que estão sempre apoiando as lideranças e acompanhando –as nos movimentos tanto dentro do território quanto fora.

No começo, quando fecharam a entrada principal da aldeia Riachão, muitos não entendiam para que tudo isso, acabavam então batendo boca com a liderança ou com as pessoas que estavam fazendo o monitoramento. Já prometeram até de dar tiros, ameaçando de morte as pessoas que participavam do monitoramento, em uma noite ouviram tiroteio ali perto onde havia pessoas dormindo correndo grande perigo. Muitos indivíduos que quando chegavam perto da cancela, falavam que se não baixasse a corrente iriam passar por cima, porque quem estavam ali não tinham direito de pará-los. Como meu pai, Adão Merindo, relata nesse pequeno trecho da sua entrevista (2021):

“A gente passou por dificuldade aqui, foi difícil pra gente, num primeiro momento a gente arrumou até confusão, não tanto pelos brancos, mas pelos próprios indígenas”.

Mas com o tempo acabaram entendendo a importância, e que esse fechamento fazia parte de manter a nossa segurança diante desse vírus, porque a nossa maior preocupação era os nossos anciões, guardadores das nossas histórias.

No dia primeiro de junho vieram as fichas, desenvolvidas com ajuda da professora do FIEI Ana Gomes e da Secretaria de Saúde do município de São João das Missões. Nessas fichas apareciam algumas perguntas que seriam feitas por nós há pessoas que passassem por ali, como por exemplo: nome, idade, onde residia, aonde ia, qual motivo etc. no primeiro dia a gente nem sabia por onde começar fazer esse monte de perguntas, mais como não somos de fugir de nenhum desafio fomos encarar esse. As pessoas também não sabiam para que todas aquelas perguntas, tivemos que explicar, que era para possível contágio, se por acaso se contaminasse teríamos uma ideia de onde foi infectado. Adão Merindo nos conta um pouco mais neste outro trecho de sua entrevista:

"Quando surgiu a ideia da gente fazer [o monitoramento], os caciques e lideranças planejaram uma reunião pra gente ver o que ia fazer pra combater a COVID-19. A gente sabe que a ideia era dos caciques e lideranças e [do pessoal da] saúde também. A gente se reuniu e decidi que íamos fechar por uns dias [a estrada], a gente conversou, a gente organizou os grupos para cada dia. Assim a gente viu como que foi importante a gente fazer [a barreira] para prevenção do povo da gente, os indígenas”.

Nas barreiras, nos esforçamos para explicar que não era obrigatório responder, mas se quisesse era importante. Era um pouco demorado pegar todos os dados da pessoa que respondia, pois não tínhamos pegado a prática, mas logo

já estávamos desenvolvendo nesse ofício. Muitas pessoas educadas que costumavam passar ali com frequência dava todas as informações sem questionar, algumas começavam a responder o questionário e já perdiam a paciência, xingavam os que estavam colhendo as informações por muitas vezes apenas agradecíamos e deixávamos de lado.

Logo depois começamos a revidar, se confrontou confrontamos também, além de ser um trabalho muito cansativo ainda éramos obrigados a ouvir desaforos, pois já tínhamos deixado bem claro que não era obrigatório responder. Na entrada principal, um local que passa muita gente diariamente, passavam automóveis toda hora, eu e minhas irmãs paravam carros e motos, e entramos dentro de ônibus para fazermos as entrevistas, mas tomando todos cuidados necessários.

Passamos muitos perigos nas barreiras, pois muitas vezes discutimos com pessoas que nos ameaçavam, falando que a noite voltaria, e assim passávamos a noite em alerta, e só saímos de lá pela manhã quando o outro grupo chegava para trocar o turno. As mulheres também era uma presença marcante nessa luta, não era só para o preparo da janta que elas estavam ali, mas para dar suporte aos homens, no que fosse preciso, as mulheres do grupo da imbaúba eram as únicas que ficavam dia e noite. Hoje as mulheres xakriabá são consideradas grandes guerreiras do seu povo, peça fundamental em um movimento.

Também se viu a necessidade de movimentar a economia dentro da nossa própria aldeia, pois não podíamos trazer muitos produtos de fora, com isso a nossa opção se tornou os mercadinhos aqui mesmo dentro do território, além da constante troca entre as pessoas, embora quando se fala de economia a primeira coisa que se pensa é em dinheiro. Mas sabemos que em uma aldeia nem sempre isso é interpretado literalmente, podemos movimentar a nossa economia através de trocas, trocas de alimentos ou até mesmo serviços, mutirões.

Recomendava-se que evitasse ao máximo trazer compras de cidades, porque corríamos o risco de trazer o vírus para dentro de nossas casas, o principal mesmo era evitar as idas frequentes nas cidades, no caso de extrema necessidade isso era permitido, mantendo todas as medidas de segurança. Quando se chega da cidade não é permitido entrar em casa com as mesmas roupas que estavam usando, tem que lavar os vestuários e calçados antes de adentrar sua residência. Porque tem um grande risco de ter trazido impregnado em seu corpo o vírus, por isso se recomenda um banho.

Mas esse período de luta contra esse vírus foi algo bastante intenso, mas que mesmo assim sobrava tempo para repassar as nossas práticas, como a construção de uma cama que os nossos antepassados usavam, principalmente quando iam caçar.

Posso dizer que com o pensamento das lideranças juntamente com os caciques, de fazer o bloqueio nas principais entradas do nosso território, foi a grande cartada para salvar muitas vidas aqui dentro, a principal preocupação para que esse movimento pudesse ser feito era a segurança dos nossos anciões, que são considerados do grupo de risco, além de ser eles os guardiões da nossa história.

Outra preocupação também era o possível contágio das pessoas que atuavam no monitoramento, pois elas tinham contato direto com muitas pessoas que vinham das grandes cidades para fazer entregas aqui dentro da reserva, mais procurávamos tomar certos cuidados, como manter uma certa distância da pessoa, se tivesse sem máscara recomendamos que para nossa segurança e proteção era obrigatório o uso da mesma. Era a liderança responsável por aquele dia de trabalho que abordavam as pessoas que ali chegavam, além disso os jovens ali presente ajudavam dessa forma também, controlando a entrada e saída das pessoas. Assim como relata o senhor Edivaldo (2021):

“os mais velhos que não saem [do território], mas talvez tem um jovem que sai num movimento ali, e às vezes chega, leva a contaminação para aqueles idosos que não sai [de casa]. Isso tudo é complicado, igual tá tendo esses eventos, tipo assim não é falta de conhecimento não, eu acho que é, sei lá, é uma coisa tipo um desafio, coisa que tá dando renda pra eles, tem uns ali só comercializando as bebidas, nem pensa no risco que tá tendo ali, igual essas corridas [de cavalo], essas coisas que não tava sendo liberado [permitido] naquele momento.”

As lideranças foi uns verdadeiros heróis, se colocando em risco para tentar frear a contaminação da população, fazer parte desse pelotão da linha de frente certamente é um orgulho, pois impedir mesmo que não totalmente a entrada desse vírus é um motivo de alívio para todos nós, que de certa forma naquele momento não estávamos preparados para enfrentar essa doença. Pensando que esse vírus surgiu lá na China, não pensávamos que iria chegar até aqui, mas por se tratar de vírus que é transmitido pelo ar, isso não seria impossível.

Aqui temos muita gente que viajam para vários estados do Brasil, e alguns para fora do país, e que com o surgimento dessa doença não demoraria para voltar ao seu lar, e isso era um perigo que corríamos, a pessoa poderia regressar já contaminada e trazendo o vírus para sua comunidade, e assim espalhando para todos nós xakriabá. A nossa recomendação era que se cumprisse a quarentena de setes dias na cidade vizinha, ou se viesse para sua casa que procurasse permanecer em casa e que evitasse contato com outras pessoas durante seu período de isolamento.

Por não seguir essas recomendações o primeiro caso surgiu na aldeia prata, com um homem que trabalha em Jaíba no município de Mangas, ele chegou do seu trabalho para

visitar sua família, na sua quinzena de folga, ele não evitou o contato com seus familiares mesmo sabendo, que onde ele trabalhava estava cheio de casos confirmados, isso com frequência, e o resultado foi, sua família contraiu a doença, e tiveram quase que a comunidade toda ficar de quarentena, pois todos tiveram contato com ele nesse período que ele estava contaminado.

Por esse motivo o monitoramento da aldeia prata pensaram em desistir, porque alegaram que esse movimento não impediu esse contágio. Mas sabíamos que naquele momento não era momento para desistência, por isso mesmo que tinha que manter esse bloqueio, pois se desistisse era pior, sabíamos que uma hora não ia ter jeito que isso ia acontecer, que esse vírus chegaria de alguma forma aqui dentro.

Mas o objetivo era manter o monitoramento agora com o surgimento desse primeiro caso os cuidados tinham que ser dobrados, não queríamos que esse caso aumentasse com rapidez e contaminasse toda a nossa população. Por isso, nos quatro cantos da reserva tinha o bloqueio, para que ninguém tentasse entrar na reserva por algumas das entradas do território. A liderança Seu Edivaldo nos contou um pouco sobre esse processo:

“Passava a noite toda até chegar o plantão do outro dia, cada aldeia tinha um líder para acompanhar seu grupinho, na maioria das vezes pra ficar cada dia. Então cada dia da semana era uma aldeia que vinha [para o bloqueio]. As lideranças, a gente entrou em conversa e fizemos uma escala de cada dia da semana. Uma liderança vinha com as pessoas da comunidade até o ponto que podia ficar, lá não podia ter muitas pessoas para não aglomerar muita gente.”

As mulheres xakriabá não estavam nesse movimento apenas para somar forças, mas também para mostrar ao seu povo que pode contar com elas para o que for, seja uma luta pela proteção da vida, ou a luta pelo direito do nosso povo, as mulheres sempre vão está aonde o seu povo estiver.

Muitas das vezes as mulheres xakriabá ali presente no fechamento das entradas do território chamava a responsabilidade pra elas, ficando de frente controlando a entrada do pessoal, os homens ficavam apenas dando apoio e se precisasse em algum caso eles intervia, mas isso nunca foi preciso, pois as mulheres xakriabá são acostumadas a fecharem BRs, e não tem esse que passa sem autorização delas.

Hoje as mulheres são peça fundamental na luta do povo xakriabá, mulheres que estão dispostas a lutarem ao lado do seu povo, da sua liderança. E que buscam a cada dia mais conhecer os nossos direitos para melhor ajudar o povo.

Estar nesse período foi uma grande aprendizagem para mim pois sou filha de uma liderança, e estar na luta faz parte do seu papel, e nada melhor que aprender o seu papel na prática.

Aprendendo com ele, mas também com outras pessoas que ali se encontrava, principalmente com as mulheres do meu povo, mulheres que considero como guerreiras.

1.4. Exames e diagnóstico.

Eu percebo que o diagnóstico realizado no território xakriabá foi um pouco precário, poderia ter sido melhor, pois percebemos que os testes que dizem ser rápidos são um pouco demorados, muitas das vezes temos contato com pessoas que estão suspeitas e que não são impedidas de sair de casa, pois não tiveram o teste feito ainda. E muitas pessoas quando recebem o resultado do teste já estão praticamente curadas. Isso acaba facilitando o contágio entre as pessoas.

Como foi o caso da minha aldeia quando surgiu o primeiro caso, pois tivemos uma reunião de professores, quando foi no outro dia veio a notícia que um dos nossos servidores que se encontravam ali presente teve o resultado do teste positivo, o que nos levou a uma preocupação, embora estivéssemos todos de máscara ainda era possível se ter o contágio, porque não sabíamos quais as medidas de segurança tínhamos tomado. Não sei se é em toda área indígena que isso acontece, mas aqui dentro do território xakriabá esses testes de COVID-19 são muito demorados, embora isso seja um descaso com a população indígena, que são vulneráveis a essas doenças. Os originários do Brasil deveriam ser tratados de uma forma mais humana.

Também com o aumento dos casos dentro do nosso território as pessoas ficaram um pouco mais amedrontadas, muitos não querem nem sair de casa com medo dessa nova onda de infecção que se espalhou pelo país inteiro. Nos municípios vizinhos a doença está chegando com força, temos notícias de muitas pessoas que estão morrendo todos os dias, por isso a nossa ida a cidades se tornou cada vez mais rara, só vamos porque temos a necessidade de fazer algo que seja de urgência.

As consultas do nosso povo que foram agendadas para o município da cidade de Manga, foram todas suspensas, pois são os nossos anciões a maioria dos pacientes destinados a esse local, por ocorrer casos de pessoas que se contaminam no ambiente hospitalar essa medida foi a encontrada para evitar possíveis contágios. Os paciente se deslocava da sua casa de manhã cedo com destino ao hospital na cidade, e só retornava a sua residência quando o

carro do plantão passava para pegá-lo, no período da tarde ou até mesmo a noite, a pessoa passava o dia praticamente fora de casa em um ambiente propício à contaminação.

Com essas medidas de segurança tomada pelos órgãos de saúde, muitas mulheres grávidas estão preferindo ter seus filhos em casa, optando por um parto tradicional, trazendo de volta velhos costumes que estavam deixados de lado por muito tempo, também por ser uma forma de se prevenir pois as mulheres grávidas são consideradas do grupo de risco.

Com a pandemia posso dizer que muitas coisas que pareciam estar adormecidas vieram à tona, como por exemplo a contação de histórias à beira do fogo pelos nossos anciões, algo que parecia não existir mais por causa dessas novas tecnologias que acaba nos distanciando de quem estamos perto. Percebi que mesmo sem falar os nossos mais velhos sentiam falta desse momento de troca de conhecimento, só de olhar na reação deles quando chegamos em sua casa à noite para ouvir suas histórias, sabíamos que isso fez falta.

Momentos esses de muita descontração que esquecemos do que estava acontecendo ao nosso redor, e começamos imaginar a cena daquele conto que estávamos ouvindo. Histórias que nunca havíamos ouvido talvez por falta de tempo ou até mesmo de interesse, agora temos a certeza de que temos que dá mais valor as pequenas coisas, que está bem a nossa frente mais não nos damos conta, e que muitos conhecimentos durante esse tempo foram deixados de ser repassado por falta de interesse dos mais novos, que não procuram os nossos livros vivos para uma troca de conhecimento continua.

Com eles aprendemos que o nosso isolamento social é muito diferente do isolamento das pessoas da cidade, porque aqui podemos ter contato com a natureza, com as pessoas vizinhas, convivemos com os nossos familiares, e ainda podemos praticar algumas atividades sem restrições. Algo que uma pessoa da cidade não pode fazer, muitos moram em apartamentos sozinhos, sem poder sair de casa muitos acabam ficando solitários, não pode ao menos visitar um familiar, a única solução é a comunicação através de um celular.

O nosso isolamento só se torna um isolamento porque não podemos ir na cidade, mas com relação ao nosso convívio continua normal pois podemos ver os nossos familiares quando quisermos, podemos visitá-los tomando algumas medidas de segurança principalmente quando formos visitar os nossos mais velhos. O nosso ficar em casa se tornou ficar na aldeia.

1.5. Campanha de vacinação contra à COVID-19.

Em tempo atual muitas coisas foram canceladas na minha aldeia, não só na minha aldeia, mas no território inteiro. O principal mesmo foram os nossos tradicionais festejos que

aconteciam com frequência em nossa aldeia, todo ano fazíamos a comemoração de São Bom Jesus, e alguns rezados, que reunia muitas pessoas de várias localidades, era muitas pessoas aglomeradas em um só lugar. Mas quando nos encontramos não podíamos realizar tais eventos. A gente sente falta sim desses momentos de confraternização, mas sabemos também que isso não pode ocorrer pois estaríamos colocando a nossa população em risco.

Futebol, festas foram barradas, com intuito de fazer com que as pessoas ficassem mais em casa, esses são os eventos mais realizados dentro do nosso território, que reúne bastante pessoas, dentre eles os mais jovens que gostam de participarem. Mas mesmo assim em alguns lugares as pessoas insistiam em teimar e fazer eventos clandestinos onde reunia muita gente, isso acaba elevando o número de casos aqui dentro.

Tem muita gente que não se arrisca nesses locais mais acabam sendo infectadas, pois muitos dos seus parentes vão e acabam trazendo o vírus para dentro de sua residência, que na maioria das vezes tem pessoas mais velhas consideradas do grupo de risco, que nem sempre tem a mesma força de um jovem para vencer essa doença tão devastadora.

Mas os nossos festejos é que mais nos fazem falta, porque eles são a nossa identidade é algo que já estamos acostumados todos os anos, na mesma data e no mesmo local, também fazem parte do nosso modo de ensino, a nossa forma de ensinamento, passagem de conhecimento.

Com esses eventos acontecendo sem restrições, os casos cresceram consideravelmente, e acabaram tendo alguns óbitos aqui dentro do território xakriabá. Algo muito triste para nós povos indígenas, perder um parente para essa terrível doença é um choque grande para qualquer um, principalmente porque não era permitido que seus parentes se despedissem do seu ente querido, prestar a sua última homenagem, considerado uma solidão profunda.

O caixão já vinha de lá todo lacrado para não correr o risco de ser aberto, as medidas de segurança tinham que ser tomadas dessa forma, para bem de todos, o risco de contágio era enorme se caso o corpo fosse velado por muitas horas, como é o nosso costume quando um parente nos deixa. Então o que era recomendado era que fosse enterrado assim que chegasse ao local onde isso seria feito. Como nos conta seu

Edivaldo (2021):

“Pra nós também perdeu algumas vidas de algumas pessoas dentro do território, e isso a gente não queria não, que acontecesse, mas eu acho que faltou mais conhecimento, muitos também criticaram falando que não existia essa doença. E a gente vivia e tava vendo, assistia televisão, e o que tava acontecendo lá fora, muitas pessoas morrendo, muitas mesmo.”

No dia 28 de janeiro de 2021, foi feita a campanha de vacinação da primeira dose da coranovac, dentro da aldeia imbaúba, onde os enfermeiros vieram fazer a vacinação da nossa população. Mas antes disso todos que exercem uma função na saúde já haviam sido vacinados, pois eles são considerados da linha de frente, e estão sujeitos a contaminação com mais frequência.

A campanha mesmo já estava acontecendo no território inteiro, por ser muito grande não dava para realizar a vacinação toda no mesmo dia, por isso é dividida por aldeias, e assim pode concluir toda essa etapa.

Antes do dia da vacina o agente de saúde de cada aldeia passava na casa de cada morador pegando, seus dados pessoais para fazer o cadastro para receber a primeira dose, muitos entregavam seus documentos para que então seu nome pudesse constar na lista no dia que fosse a vacina, mais muitos negavam porque desconfiam que isso não serviria de nada.

Então no dia que chegou à vacinação, muitas pessoas comparecem com esperança de que essa vacina veio para ajudar a nossa população, dava para ver no rosto do pessoal como estavam felizes de estarem ali, esse era o momento que todos estavam a esperar. A vacina era permitida para quem tivesse 18 anos ou mais, nessa idade todos podiam se vacinar. Não era permitido para gestantes, lactantes ou crianças.

Teve muita gente da comunidade que nem compareceu para a primeira dose da vacinação, porque estavam com medo, ou porque não foram informados corretamente do benefício dessa dose, mas também porque se espalhou muita *fake news* dentro do território, muitas pessoas acabam acreditando que isso poderia ser verdade. Confesso que alguns confundiram com a sua religião, pois houve muitas informações que foram passadas com o propósito de confundir as pessoas para que elas duvidassem da eficácia da mesma.

Os nossos anciões foram vacinados em casa, tomando esses cuidados para que eles não fossem aos hospitais, evitando aglomerações para que a sua saúde não fosse colocada em risco, assim os nossos mais velhos pudessem ser vacinados em total segurança, porque a saúde deles vem em primeiro lugar.

Assim que acabou a campanha estava liberado para quem não pode comparecer por algum motivo, para que fossem procurar pela vacina nos postos de saúde mais próximo da sua aldeia, mas com tudo isso ainda deu confusão pois muitos não quiseram fazer o cadastro e queriam tomar a dose da vacina mesmo assim. Acusando então seu agente de saúde, falando que eles o incentivaram a ficar sem se vacinar.

Com as viagens para fora do território, teve muita gente que decidiu tomar essa vacina, porque na hora do embarque era exigido o cartão de vacinação, caso não constasse essa vacina no seu cartão não era liberado para viajar.

1.6. Plantas e proteção

Durante esse tempo de pandemia a gente tentava se proteger como podia, mesmo essa doença sendo nova, não tendo nenhum remédio cientificamente comprovado, os pajés das comunidades xakriabá recomendaram que fazíamos o uso de algumas ervas encontradas em nosso território, era recomendado o banho e também que se pudesse beber. Sabemos que não é comprovado a eficácia dessas plantas medicinais, mas também acreditamos que funciona sim, pois quando se usa um remédio qualquer que seja usado com fé sempre dá bom resultado.

Meu povo acredita que essas plantas afastam a COVID-19 para longe, e nos mantém protegidos. Uma das mais utilizadas para esse caso é o boldo, uma planta grande que tem folhas amargas. As folhas são colocadas para curtir de um dia para outro. Quando íamos sair para o bloqueio tomávamos uma pequena quantidade desse remédio tradicional de boldo e sempre fazíamos o uso do banho para proteger nosso corpo, espírito e alma, com objetivo de nos resguardar. O nosso objetivo com o monitoramento, evitar a disseminação desse vírus em nosso território e com isso não nos custava nada nos proteger um pouco.

Acredito que e a nossa fé nos mantem vivos e longe dessa tão temida doença, porque quando a gente faz o uso das plantas medicinais com fé é muito mais válida, porque quando se acredita você tem a certeza que nada vai te acontecer, por isso quando se faz o uso dos banhos para se proteger dessas doenças, de algo invisível que você não consegue ver, os nossos pajés nos recomendava para que a gente fizemos isso, por isso nada mais justo que a gente tem que acatar as decisões deles e fazer o uso da mesma, os nossos pajés tem esse conhecimento e destreza com as plantas, mas a gente crer que isso vai dá certo, porque para nós índios o que nos mantém vivos é as nossas crenças, os nossos valores, acredito que muitas pessoas aqui dentro do território tenha contraído esse vírus mais que certamente foram curados pelos nossos raizeiros antes da aplicação da vacina, pelos pajés e pelas nossa medicina tradicional.

1.7. Resguardo tradicional e pandêmico

Posso dizer que esse momento de pandemia de certa forma foi uma espécie de resguardo para nós xakriabá, já que em um resguardo pós parto, a mulher tem que seguir

algumas regras para o seu bem estar, e com a gente não foi diferente tivemos que ficar resguardados nesse período tão conturbado, esse caos chamado pandemia.

Onde todos nós aprendemos a dar valor as coisas mais simples, sabíamos também que esse momento era o momento de nos resguardar, cuidar um do outro e nos prevenir da melhor maneira possível, sabemos também que assim como em resguardo tradicional quando se quebra a consequências, e com essa doença não é diferente, sabíamos que que muitas pessoas que tiveram a infelicidade de contrair o vírus da COVID-19, apresentaram sequelas da doença.

Já que um resguardo para nós xakriabá é tão sagrado, esse era rigoroso onde a nossa obrigação era se manter em casa, ou seja, ficar na aldeia, a nossa circulação era apenas para o necessário, e muitas coisas era proibido fazer, mais isso para o bem de todos.

A palavra que nos define nessa pandemia é resguardar, resguardar nosso povo, resguardar nossos costumes, e ainda resguardar nossos livros vivos, resguardar nossa cultura, nossas crianças, época de resguardo para meu povo.

Uma doença que veio de repente fazendo a gente se manter em nosso território, nosso lar, uma situação totalmente nova para a gente, principalmente para essa nova geração, que gosta de constante movimento.

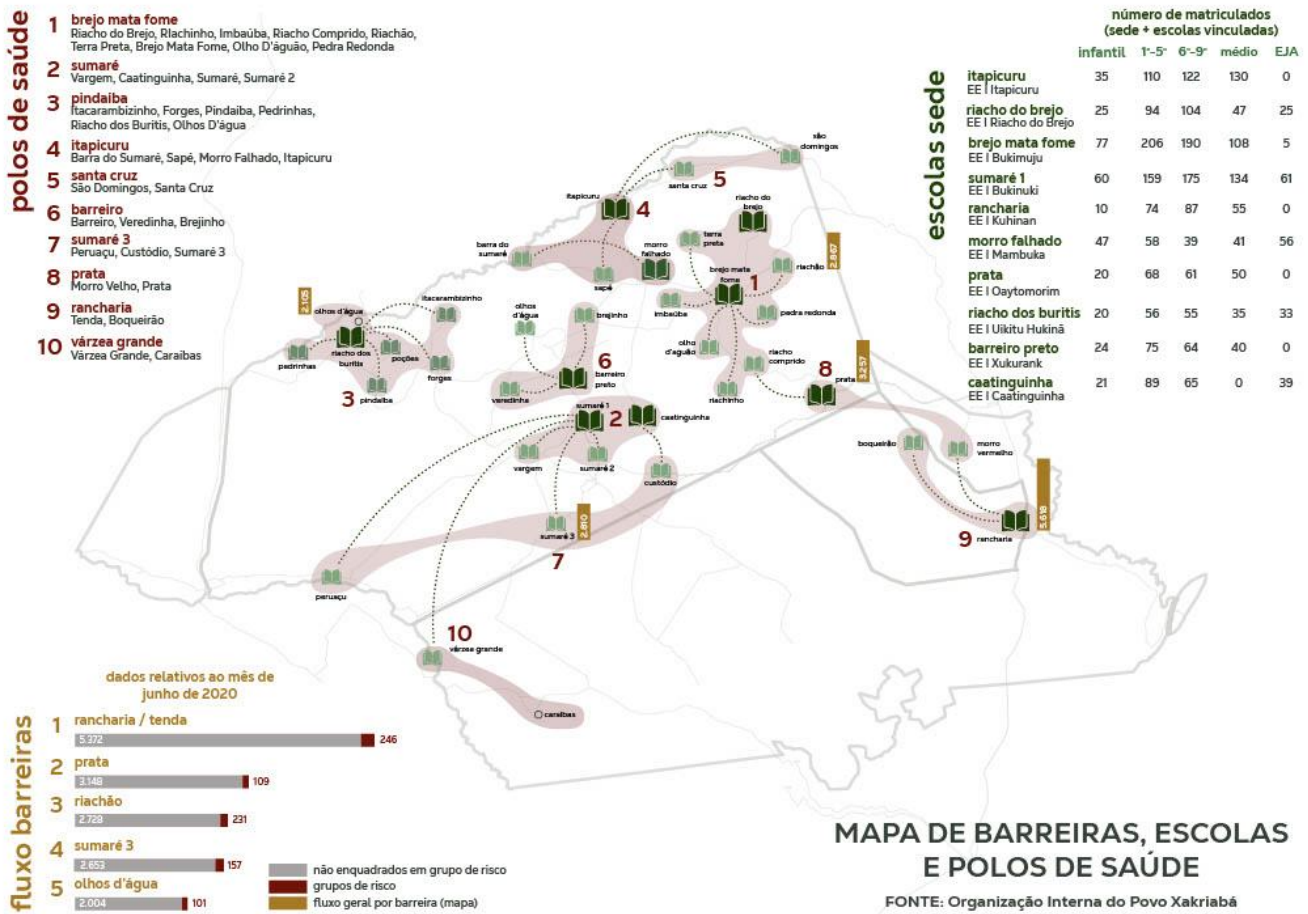
Resguardo esse que o nosso povo foi obrigado a se adaptar, e com o tempo virou rotina, porque após dois anos de pandemia a gente acaba se acostumando com esse novo jeito de viver, regras a cumprir e novas visões de vida.

Para nós não apenas o resguardo pós parto é sagrado, esse é o mais sagrado deles. Mas também há alguns resguardos que devem ser cumpridos também como picadas de animais peçonhentos, como é o caso de picada de cobra venenosa, que a pessoa não pode beber água, não é toda pessoa que pode olhar porque muitos tem olho ruim, tem que amarrar uma borracha ou um pano acima do local para o veneno não subir para cima, não pode comer nada de doce como exemplo rapadura, tem que usar remédio como o alho, fumo para passar no lugar, tem que ficar 24 horas sem beber água por causa do veneno porque é muito perigoso, tem que ter resguardo e guardá-lo conforme as orientações, a sede vem constantemente mas é proibido beber água pois a pessoa pode morrer se fizer isso.

Por isso é importante o resguardo em algumas situações, e se a gente parar pra pensar esse processo de resguardar e contaminação por essa doença é muito parecido, pois uma pessoa infectada deve se manter inclusa dentro de casa fazendo o processo de recuperação.

O resguardo do meu povo xakriabá é muito sagrado para nós e tem uma força tão grande dentro do meu povo, é algo que veio dos nossos antepassados uma ciência tão milenar, tão sagrada.

Figura 1: Mapa de postos de Saúde- Povo Xakriabá



Fonte: Organização Interna do Povo Xakirabá

Capítulo 2

Pikõ Dasiwamhâri

2.1. Mulheres da Ancestralidade

Podemos dizer que hoje ser mulher é muito tenso ainda mais no contexto indígena, mas já pensou como era antes no tempo da minha avó onde essas mulheres sofriam represálias, abusos, preconceito, por parte da sociedade. Elas eram obrigadas a sofrer tudo isso calada pois a sua voz não era ouvida, não tinha voz, não tinha vez.

Muitos homens diziam segundo a minha mãe que as mulheres serviam apenas para gerar filhos e que de preferência, filhos homens. As mulheres eram vistas apenas como o ser que tinha esse dever. Muitas mulheres eram submetidas a casar sem o seu consentimento e ainda com quem os seus pais escolhessem. As mulheres não tinham o direito de falar não, a única coisa que deviam fazer era concordar ainda que discordando.

Nessa época as mulheres trabalhavam como escravas, elas eram criadas especialmente para se casar, seja nova ou mais velha esse era o seu único destino, não tinha o direito de escolher se queria estudar, se não estava preparada para se casar. Essas mulheres são verdadeiras guerreiras por tudo isso que elas passaram, por isso o nosso sangue é de resistência que vem das nossas ancestrais que passaram por esse período, hoje só somos porque elas foram.

Então as mulheres indígenas não tinha vez, não tinha voz, não tinha nem com quem contar para se livrar desse período tão conturbado, viviam apenas para servir aos outros como se não existisse, ou viviam como fantoches sendo controladas pelos outros, e qual papel das mulheres nessa época, e que papel?

Não podia isso não podia aquilo tudo que elas ouviam era não, mas as suas respostas sempre tinha que ser sim. Muitos pais também colaborava para isso, porque não dava chance de ouvir suas filhas, o diálogo praticamente não existia entre pai e filha. Com medo de não serem ouvidas, o que realmente era o que acontecia, não havia diálogo, não se tinha o direito de contestar.

As mulheres indígenas desde antes vem sendo oprimidas, com direito apenas de gerar filhos, cuidar da casa, trabalhar nas roças, não tinha vaidade, e nem podia, não tinha

permissão nem para cuidar do seu próprio corpo, e que corpo? Aquele que elas não tinham o direito de decidir se queria ou não gerar um filho.

Durante uma conversa com uma anciã da minha aldeia, Dona Severina, quando lhe fiz a pergunta sobre qual papel as mulheres tinham dentro do povo xakriabá, ela me respondeu com outra pergunta: "que papel da mulher? De parir?". Confesso que essa resposta foi um tanto conturbada, já que não pude responder a ela e só aceitar que na época dela a vida nem a sociedade deram uma chance a ela de escolher outro caminho para seu futuro.

Uma sociedade machista que até hoje vem tentando calar a nossa voz, mas com nossos conhecimentos e algumas ferramentas que nos ajuda, isso não é mais possível, pois conhecemos os nossos direitos, e se não nos ouvir a gente grita, pois temos voz, temos vez e temos direitos.

E que essas mulheres do passado foram elas que nos expirou a ter coragem de seguir em frente, de lutar, porque a gente não quer viver sofrendo, passando por tudo que essas guerreiras passaram, até porque os direitos são iguais, e mulher não é um sexo frágil como muitos pensam.

Elas podem chegar aonde quiser, e pode fazer o que quiser também, se vai casar, quando querem engravidar, se querem estudar ou até mesmo viajar pelo mundo. O corpo é seu o destino também.

As mulheres indígenas xakriabá viviam sem informações, não conheciam os remédios anticoncepcionais para evitar sua gravidez, além do mais, mesmo se elas tivessem acesso a esses medicamentos os seus maridos não aceitavam que elas fizessem o uso do mesmo. Isso é algo que ocorre até hoje, são situações raras, mas ainda vemos mulheres casadas relatando esse abuso por parte do seu esposo.

Ser mulher indígena nunca foi fácil, especialmente na época da minha avó que teve o seu destino controlado pelos outros, onde sua voz nunca pôde ser ouvida, seus sonhos nunca realizados, o que ela pensava não era levado em conta, até seus pensamentos eram proibidos. Uma sociedade onde as mulheres não eram vistas como parte dela.

Por isso não só para nós mulheres indígenas xakriabá, mas para todas as mulheres indígenas a luta é constante porque a cada dia é uma nova luta, um novo obstáculo, e um novo tabu a ser quebrado.

2.3. Mulheres Indígenas no Brasil

As mulheres indígenas no Brasil estão cada vez mais se tornando protagonistas do seu povo, muitas dessas mulheres não medem esforços quando o assunto é direitos indígenas. Por

isso muitas acabam entrando numa faculdade para melhor conhecer seus direitos. Uma mulher indígena não precisa ser uma liderança para defender e representar um povo em qualquer situação.

No Brasil temos muitas mulheres indígenas que são conhecidas mundialmente, como é o caso da Célia Xakriabá, Sônia Guajajara, Joênia Wapichana, são mulheres que são reconhecidas por onde passam, além disso levam o nome do seu povo, e nos representam, elas também servem de inspiração para muitas mulheres jovens que querem seguir esse caminho.

Sabemos que ser uma mulher indígena atualmente é muito complicado, principalmente em relação aos preconceitos que sofremos, mais também sabemos que devemos nos impor e provar que as mulheres nem sempre devem se calar diante de uma represália, porque somos guerreiras, uma geração que tem sangue dos nossos antepassados correndo nas nossas veias, e é isso que nos impede de desistir, e nos mantém firmes para seguir em frente.

São mulheres muito bem articuladas pelos seus povos que se destacam pela luta e pela defesa das mulheres indígenas, uma forma de demonstrar essa luta são as suas formações.

Célia Xakriabá nasceu e foi criada na comunidade Barreiro Preto localizada no município de São João das Missões (MG), seu estudo desde a 5ª série ao ensino médio foi todo dentro do território Xakriabá. Ela foi uma das estudantes que fez parte da primeira turma do ensino médio, ela conta que usavam as melhores roupas para ir às aulas nesse período, pois era como um evento. No ano de 2009 foi estudar na UFMG, um desafio muito grande para quem nunca tinha saído do território e nem ficado longe de casa tanto tempo. Na universidade Célia se deparou com a incessante pergunta: vocês são índios de verdade? Ai que ela foi se abrindo e entendendo que muito mais que formar na UFMG era preciso demarcar aquele local. Célia. Em um evento público, afirmou ter querido desistir do curso por causa disso, querendo apenas estudar no território, porque não aguentava mais essa pergunta, se ela era "índio de verdade".

Célia sempre foi uma menina como as outras que gostavam de brincar e ter sonhos, como ela mesma costuma contar, seu sonho era se casar com 16, 17 anos e ter filhos, como toda menina. Mas esse sonho de gerar filho no seu útero do seu corpo foi adiado para que ela pudesse gerar "filhos do útero da luta", como ela sempre afirma, não era fácil escutar suas colegas que eram mães afirmarem que estavam com saudades dos seus filhos e vontade de retornar para o território durante o período que estudavam em Belo Horizonte, como ela relata "eu nunca tive tempo de vir embora pra ter filho e pra ter família". Ela é uma pessoa

que costuma muito ouvir as lideranças, que sempre estão com ela, em seu dia a dia. Porque as lideranças são a nossa base e é delas que vem nosso conhecimento e também nosso fortalecimento.

Célia se destaca na luta indígena, pela sua pauta voltada para as mulheres indígenas e defesa da terra, ela é uma professora ativista, ela fez parte da primeira turma do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI-UFMG). Em 2013, obteve o título de mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UNB), tendo como área de concentração a sustentabilidade junto aos povos tradicionais. Primeira mestra de seu povo.

Em 2015, com apenas 25 anos de idade, Célia Xakriabá foi a primeira mulher indígena que entrou para parte da equipe do órgão central da secretaria de estado de Educação de Minas Gerais, permanecendo até 2017, onde ela representava e defendia nossas especificidade e a nossa escola diferenciada. Ela também defende que as escolas dos povos indígenas têm que oferecer uma educação baseada nos conhecimentos indígenas e nos processos pedagógicos de cada povo, que são diferentes devido aos contextos diferentes. Além disso, ela defende o nosso calendário (calendário sociocultural) das escolas indígenas, que tem como objetivo refletir os eventos importantes da comunidade e não as datas impostas pelo calendário que vem de fora, como o carnaval, que não tem significado algum para os povos indígenas.

Atualmente essa guerreira Xakriabá, Célia xakriabá está tentando se eleger como deputada federal pelo estado de Minas Gerais, com apenas um objetivo, defender nosso povo dentro do Congresso Nacional. Célia foi indicada por nossas lideranças para assumir mais esse desafio, depositando toda sua confiança nessa grande mulher.

Célia assim como toda mulher Xakriabá gosta de loas e de improvisar versos, relatando coisas vivenciadas por ela e em sua comunidade, história do nosso povo. Uma grande mulher que inspira os jovens por conta da sua luta constante em defesa do nosso povo.

Joênia Wapichana é uma mulher guerreira que nasceu na comunidade indígena

Cabeceira do Traurú, localizada na região Murupú e na zona rural do município de Boa Vista. É da etnia Wapichana, um grupo étnico aruaque. Joênia se destaca por sua luta incansável em defesa dos direitos dos povos tradicionais do Brasil. Com apenas 8 anos de idade deixou a comunidade onde nasceu e mudou-se com sua mãe para a sede municipal, área urbana de Boa Vista. Foi onde seu interesse pelos estudos começou a surgir. Depois de concluir o ensino médio, ela também enfrentou uma dupla jornada, enquanto cursava Direito no período da noite na Universidade Federal de Roraima (UFRR) passou a trabalhar em um

escritório de contabilidade durante o dia. Em 1997, na Universidade do Arizona, nos Estados Unidos, cursou mestrado em direito internacional.

Joênia foi a primeira mulher indígena a ser eleita deputada federal, a única mulher indígena representante dos povos indígenas no congresso nacional. Com sua força e determinação, ela é uma grande referência para todos os povos indígenas. Atuou na demarcação da reserva indígena Serra do Sol, além de trabalhar no departamento jurídico do conselho indígena de Roraima (CIR) e na defesa de direitos de índios à posse de suas terras na região norte do Brasil. Uma grande mulher que se faz presente na luta de todo um povo, que querem ter seus direitos reconhecidos e suas terras demarcadas.

A trajetória dessa grande mulher não para por aqui, ela também foi a primeira presidente da comissão de Direitos dos Povos Indígenas da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), criada em 2013. Recebeu em 2004 o prêmio Reebok pela atuação na defesa dos direitos humanos. Em 2010 foi condecorada com a Ordem do Mérito Cultural. Recebeu o prêmio de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2018.

Uma forte guerreira que atualmente assim como todos nós indígenas deste país, está lutando contra esse desgoverno, um governo genocida que quer dizimar a população indígena. Em 1 de fevereiro de 2021 ela apresentou um pedido de impeachment contra o presidente Jair Bolsonaro; ela alegou, no seu pedido, crimes contra a população indígena. O requerimento da deputada foi arquivado pela presidência da Câmara. Vale ressaltar ainda que a deputada é a única representante indígena do Congresso Nacional do Brasil na atual legislatura.

Sua trajetória de luta é uma inspiração para mim e tenho certeza de que não sou eu apenas que tenho uma grande admiração e respeito pelo seu trabalho em defesa dos nossos originários, que somos nós os donos dessas terras, que tanto lutamos e continuamos na luta para assegurá-las, Joênia Wapichana fonte de inspiração para jovens indígenas desse nosso Brasil.

Sônia Guajajara é do povo Guajajara Tenetehara, que habita nas matas da terra indígena Araribóia, no Maranhão. Uma jovem que deixou suas origens pela primeira vez aos 15 anos quando recebeu ajuda da Funai para cursar o ensino médio em Minas Gerais. Quando saiu do seu lugar já estava escrito que ela se tornaria uma grande guerreira do seu povo. pois quando é um assunto que diz respeito ao nosso povo a gente não mede esforços, buscamos conhecimentos para melhor ajudar aos nossos. Tendo conhecimentos podemos assim reivindicar o que é nosso por direito.

Sônia tem como principal frente de luta a luta indígena e ambiental, ainda na juventude, nos movimentos de base, e logo chegou ao Congresso Nacional, onde guajajara foi linha de frente contra uma série de projetos que retiravam direitos e ameaçavam o meio ambiente. Com sua principal frente de luta voltada para os povos originários do Brasil, assim alcançando então projeção internacional. Em 2010, ela entregou o prêmio Motosserra de ouro para Kátia Abreu, na época ministra da

Agricultura, em protesto contra as alterações do Código Florestal.

Mulher essa que é um ponto de referência quando o assunto que está em pauta são nossos direitos, grande guerreira que tem sua trajetória de luta voltada para seu povo, sem sombra de dúvidas uma grande mulher, que tenho uma grande admiração dentre todas essas mulheres indígenas.

Aqui destaco alguns dos prêmios e honrarias já recebidos por essa guerreira chamada Sônia Guajajara, como exemplo prêmio Ordem do Mérito Cultural 2015 do Ministério da Cultura, entregue pela então presidente Dilma Rousseff. Também foi agraciada com a Medalha 18 de janeiro pelo centro de promoção da Cidadania e Defesa dos Direitos Humanos Padre Josimo, em 2015, e com a Medalha Honra ao Mérito do Governo do Estado do Maranhão, pela grande articulação com órgãos governamentais no período das queimadas na terra indígena Araribóia, esses são apenas alguns dos muitos que ela já tem, por ser essa mulher tão bem articulada e que vive em defesa dos nossos povos.

Esta mulher que também é nordestina e indígena, Sônia Guajajara foi o nome escolhido para compor junto com Guilherme Boulos, a chapa do PSOL para a presidência da república nas eleições de 2018. Frente à articulação dos povos indígenas do Brasil (APIB), ela é uma das maiores lideranças indígenas e ambientais do país, representando mais de 305 povos em torno de pautas que combatem os interesses dos setores mais poderosos da sociedade brasileira.

Foi a primeira vez na história do país que uma indígena compôs uma chapa para disputar a presidência da república. Afiliada do PSOL foi pré-candidata à presidência, uma aliança com diversos movimentos sociais e simboliza os mais de 500 anos de luta dos povos oprimidos do Brasil, em defesa de um programa de justiça, igualdade e defesa de direitos.

O mapeamento dessas mulheres indígenas não foi fácil de fazer porque podemos perceber que no Brasil há muitas mulheres indígenas que se destacam no seu povo, mais por escolha minha resolvi trazer para esse trabalho essas três fortes guerreiras de luta, e posso dizer que certamente todas as mulheres indígenas desse Brasil se sente representada por elas.

2.3. Comitativa indígena na COP26.

Em novembro de 2021, centenas de países se reuniram para discutir o futuro climático, esse evento foi realizado em Glasgow, na Escócia, nos dias 31 de outubro e 13 de novembro. Esse é um evento anual, já está na 26ª edição. Onde vários países se preocupam com as mudanças climáticas e se comprometem a mudar seus hábitos para diminuir um pouco desse desastre, e firmaram seu compromisso e apresenta novos planos para tentar controlar essa crise climática.

A COP26 foi marcada pela presença das mulheres indígenas, que foram para defender e provar, que somos nós indígenas que ainda mantemos as nossas matas preservadas e que fornecem ar puro para o planeta.

Entre as mulheres indígenas que ali estavam presentes, Celia Xakriabá, Sônia Guajajara e Txai Surui. Txai Suruí foi a única brasileira a discursar na COP26 conferência das Nações Unidas, também foi a primeira indígena a discursar numa conferência climática, sua fala ocorreu na abertura desse evento, suas reivindicações foram voltadas para a aliança entre os povos indígenas e a crise climática mundial.

Txai Suruí uma jovem mulher indígena nascida em Rondônia, é uma jovem ativista, que luta contra a destruição do nosso bem maior, a nossa floresta. Local sagrado para nós povos indígenas, onde estão nossas histórias e nossas raízes, representa a nossa vida, porque onde houver floresta haverá também indígenas.

Lutar contra a degradação do nosso ambiente, das nossas matas, do nosso bioma, é algo muito sério, porque quando derrubar nossas árvores sem necessidade, com objetivo apenas de ganho próprio, destruindo nossa vegetação, a cada árvore derrubada, natureza destruída, isso nos mata aos poucos, um índio não existe sem matas, sem animais, onde vamos buscar nossa espiritualidade, manter contato com os nossos encantados? As nossas forças vem das nossas matas do nosso território.

Artemisa Xakriabá também uma jovem ativista dos direitos humanos esteve presente no evento da cúpula do clima da organização das Nações Unidas (ONU) realizada de 21 a 23 de setembro nos Estados Unidos na cidade de Nova York, ela esteve nesse local com apenas um objetivo lutar pela existência dos povos indígenas de todo o mundo, indicada pela Célia Xakriabá para representar o nosso povo nesse evento.

Foi também o seu primeiro evento representando o povo xakriabá, mas que teve grande importância para o nosso povo, pois está ali nesse grande movimento era afirmar que assim como os nossos ancestrais deixaram para a gente que a nossa floresta é ela que nos

mantém vivos. E quando não existir mais nenhum pé de árvore de pé, só assim muitos virão que nem tudo se compra.

Atualmente Artemísia está cursando psicologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFMS) Rio Grande do Sul, onde mora enquanto se dedica aos estudos, mas mesmo assim não deixa seu povo de lado e com frequência faz ponte área entre o sul do país e a terra indígena xakriabá, porque precisamos sempre manter contato com o nosso povo para repor e reforçar nossas energias, que só encontramos quando estamos em nosso território em contato com nossos encantados e nosso povo.

Hoje também posso destacar uma advogada pataxó, Samara uma jovem que fez questão se formar em direitos, por conta da grande luta do seu povo para tentar delimitar suas terras, que até hoje sofre ataques de fazendeiros que querem se apossar das terras pataxó, nascida e criada em Barra Velha, no estado de Bahia, Samara é uma mulher de constante luta, juntamente com seu povo pataxó, pois quem vem do berço da luta sabe que é preciso buscar meios de assegurar os nossos direitos. Essa jovem advogada defendeu seu povo na defesa da tese do marco temporal, lei essa que só tem como objetivo tirar o que já conquistamos até hoje.

Muitos dos nossos jovens estão escolhendo trilhar esse caminho da advocacia por conta das represálias e abusos de poder de quem tem poder, porque hoje já não é necessário pegar uma flecha ou armas para nos defender, pois a nossa arma agora é a caneta, e o conhecimento da lei.

2.4. Uma jovem líder que nasceu para liderar: Nety Xakriabá

A mais jovem vice liderança do território Xakriabá, a minha irmã a caçula da família com apenas 21 de idade assumiu essa função em 2022, ela também é a mais nova integrante da organização interna e vem sendo moldada por caciques e lideranças para se tornar uma jovem protagonista da juventude xakriabá. Célia Xakriabá também vem dando total apoio a essa nova jovem que está começando a seguir seus passos.

Ela mora na aldeia Imbaúba, seu nome é Francinete, mais conhecida como Nety Xakriabá, vem dando rumores que será uma forte liderança, que preza seu povo acima de tudo. É sempre participativa, costuma participar de todas as reuniões para se manter informada da situação do seu povo, também do acampamento terra livre em Brasília, ou em qualquer outro movimento que envolve luta e resistência de um povo indígena. Fala da jovem liderança Nety xakriabá:

“Sou uma jovem e faço parte do meu povo, luto juntamente com caciques e lideranças, trilhando caminhos, caminhos esses que vão nos levar a frente e nos posicionar, para protagonizar a nossa própria história.”

Ela é uma pessoa muito observadora, e prestativa. Em todas as reuniões as lideranças colocam ela para falar como representante dos jovens xakriabá. Também fazem o agradecimento a todas as mulheres ali presentes em seu nome. Ver uma mulher compondo a mesa das lideranças é um grande orgulho para nós mulheres, pois a luta ela é constante, principalmente para a juventude xakriabá que vem se destacando nas frentes de luta do seu povo, assim como relata Nety Xakriabá nesse trecho da sua entrevista:

“Amanhã seremos nós juventude que vamos conduzir essa luta, que vamos tomar frente, que vamos tá na luta nos movimentos indígenas também, seu Valdemar sempre diz que nosso avós deixou para a gente a herança maior é a luta.”

A jovem liderança cobra muito de seu povo se é para estudar fora mais que seja com apenas um objetivo ajudar seu povo, porque não adianta estudar fora se formar fora do território e não regressar ao seu povo, pois a partir do momento em que uma liderança assina uma declaração para você principalmente jovem, elas estão depositando toda esperança em você de regressar trazendo um bom retorno ao seu povo e a liderança que te confiou a uma missão. Como relata Nety xakriabá nesse trecho da sua entrevista:

“Hoje também vejo uma grande parcela da juventude ocupando espaço nas universidades, e quando a gente se senta nos movimentos pra gente conversar Célia Xakriabá sempre nos orienta, que não basta só sair e estudar lá fora, além do retorno para as comunidades no retornar para ajudar ela fala que é preciso retornar para a nossa casa para o nosso território de uma forma bem, é preciso trilhar caminho da saída, mais também da vinda.”

Um indígena quando sai para estudar fora ele tem a grande missão de se formar para seu povo, não para o mundo, por isso a expressão um pé na aldeia e um pé no mundo é tão utilizado para incentivar os nossos jovens a regressar. Nety como atual liderança tem como dever de despertar nos jovens o interesse pela luta de seu povo, que vem sendo passado de geração em geração, mas podemos dizer também que atualmente não só nos Xakriabá mais em todos os povos os jovens tão chamando a responsabilidade pra si. Essa é uma herança que os jovens herdam para continuação da história de um povo. Por isso é tão importante a presença desses jovens na luta e também nas universidades conhecendo novas formas de contribuir com seu povo. relato de Nety xakriabá:

“Porque hoje a gente se depara com grande número de pessoas, ocupando muitas das vezes não retorna para o território não nos ajuda conduzir essa luta, então a gente precisa trilhar caminhos sim, porque os nossos caciques e

lideranças hoje depositam essa confiança em nós então seremos nós o futuro de amanhã, pois muitas lideranças diga que a gente não é o futuro, a gente é o presente porque a juventude tá de forma ativa nos movimentos.”

Posso dizer que a nossa mais nova integrante da organização interna já está se tornando referência entre as jovens do território, quando ela fala todos param para ouvi-la, suas palavras são de grande incentivo para as mulheres xakriabá.

Sabemos também que esse meio não é muito fácil de atuar, não é sempre que a pessoa consegue agradar a todos, mas principalmente as mais preocupantes são as ameaças que os nossos líderes sofrem constantemente. Mas diante disso a jovem xakriabá não se deixou intimidar, e aceitou ser a vice-liderança da aldeia Imbaúba.

Com apoio da sua liderança e principalmente da sua comunidade, uma liderança não é nada sem apoio e uma boa relação com sua comunidade, a mesma faz toda diferença na escolha e também na continuidade de uma liderança. Nety Xakriabá veio para somar junto ao seu povo, e buscar cada dia mais ampliar seus conhecimentos.

Embora como ela mesma diz “é bom falar melhor ainda é sentar e ouvir”, pois quando os sábios falam até a natureza para pra ouvir. É se ouvindo que se aprende, é dando oportunidade que se desenvolve uma pessoa que veio para ajudar seu povo.

Embora sabemos que ser mulher indígena atualmente não é fácil, ainda mais com essa brutalidade que está acontecendo no mundo com algumas jovens indígenas, muitas sendo mortas, como foi o caso da Daiane Kaingang, mas também sabemos que essa não é hora de desistir, esse é o momento de unir as nossas forças diante desses acontecimentos.

Uma jovem liderança que nasceu para liderar não desiste da luta, principalmente a Nety, que vem do berço da luta, pois os nossos jovens são resistência, e nossa líder vem para nos mostrar que a luta ela é conjunta, e que não é de um nem de dois, ela é do coletivo, e que não tem idade para começar a entender esse processo que todos os nossos líderes passam, um processo no qual quem não tem o dom e a paciência, acabam desistindo no meio da batalha. Como afirma Nety xakriabá nesse trecho da sua entrevista:

“Enfrentamos uma luta contínua interna e também externa, porque a luta é algo histórico, desde os nossos antepassados, desde os nossos avós que a gente luta.”

Nety Xakriabá ela sempre procura repor suas energias em contato com a natureza, procura um lugar bem tranquilo para se comunicar com os nossos encantados para fortalecer a alma e o espírito, ela utiliza muito o uso de banhos com ervas tradicionais do nosso povo, e

utiliza muito o cachimbo com suas ervas para se comunicar com os nossos guardiões para se fortalecer ainda mais.

Repor as energias sempre é algo muito importante para as lideranças, pois ter o corpo e alma bem cuidado é algo indispensável, além do mais nos manter em constante contato com os nossos protetores é uma tradição que todos devem manter, para a nosso próprio bem, como fazemos isso? através dos nossos banhos tradicionais, que costumamos utilizar com frequência.

Mas a nova jovem liderança é muito adepta a essa tradição, se ela se sentir indisposta ela procura logo as ervas para preparar seu banho, ou então ela procura o nosso pajé para fazer benzimento para se recuperar e manter-se bem.

Nety também tem o dom para a pintura corporal, é ela que realiza essa tarefa para quaisquer que sejam a missão, uma viagem ou até uma simples apresentação. A pintura corporal é uma forma de nos manter em contato com os nossos antepassados.

Os nossos jovens não são apenas o nosso futuro, eles também são o passado e o presente, pois veio dos nossos antepassados das nossas raízes. A luta de um jovem não é só em um movimento fora do território, a luta também acontece na base. Base essa que temos como apoio às nossas lideranças, que fortalece cada vez mais seus jovens para se manter ativo na luta.

Desde muito nova Nety já gostava de participar de eventos voltados para direitos indígenas, sempre se inspirou em mulheres indígenas, mais sua referência sempre foi a Célia Xakriabá, uma pessoa bastante admirada por nós povo xakriabá, essa jovem guerreira foi a única que decidiu encarar essa missão de ser a vice liderança da minha comunidade, juntamente com meu pai.

Quando o meu pai fez essa proposta pra ela, ela aceitou quase de imediato, eu, minha mãe e meus irmãos não queríamos, mas ela disse que estava preparada, que se fosse lá atrás em outro tempo ela não aceitaria, mas ela sabia que naquele momento ela havia recebido o chamado.

Ter uma liderança e uma vice dentro de casa é bastante satisfatório, mais de vez enquanto acontece divergências, pois a pontos que eles não se entendem muito bem e há discordância entre eles, mas algo passageiro coisas do ofício.

Ela é uma pessoa normal como qualquer outra garota tem sonhos, metas, é uma pessoa que gosta muito de brincar, ter muitos amigos, e apaixonada por um bom futebol. E adora estar em movimentos tanto dentro do território quanto fora. O que ela gosta mesmo é de conversar com os mais velhos, anciões da minha comunidade, receber conhecimentos

passados por eles, além de constante troca entre pessoas de outras etnias que ela procura manter contato.

É uma pessoa que gosta muito fazer viagens com seu povo e principalmente com as lideranças, também procura lê artigos, livros e alguns documentos que possa ajudar ela na sua formação como vice liderança, e que seja de bom uso para seu povo. participa de eventos dentro da sua comunidade como eventos culturais, que fortaleça cada dia mais seu conhecimento.

Sua participação nas reuniões internas do nosso povo é frequentemente, pois é nesse momento que ela usa para conversar com caciques e lideranças, principalmente seu Cirilo a liderança da aldeia custodio, ele é uma liderança que dá seu total apoio a ela. É uma menina muito ativa dentro do povo, faz trabalhos voluntários dentro da sua comunidade, exerce esse trabalho no território, fica responsável por exemplo para fazer cadastro de cestas de projetos que beneficia pessoas carentes que tenham necessidades de receber uma cesta.

Estava responsável pelo cadastro das crianças do projeto CAA (Centro de Agricultura Alternativa), onde as crianças participam e fazem brincadeiras, ganham brinquedos, no período da pandemia estavam recebendo uma cesta básica, é um trabalho que ela se identifica bastante pois ela gosta muito de crianças e as crianças gostam dela também.

É ela que faz sua própria tinta de jenipapo, faz questão de ir até a árvore e escolher os frutos para essa produção, utiliza bastante as pinturas corporais do nosso povo, além de fazer parte de sua proteção espiritual, basicamente ela é a aquela que fazem as pinturas em outras pessoas também, quando saímos pra fazer uma apresentação ou uma viagem sua agenda fica cheia com tanto de pessoas que a procuram para se pintar com ela.

Durante esses movimentos tanto dentro do nosso território ou fora dele ela procura está muito bem trajada, com seus adereços. Uma mulher muito vaidosa gosta de se arrumar, de ficar sempre bonita com a auto estima lá em cima.

Como toda menina da sua idade é uma pessoa brincalhona, extrovertida, vaidosa, que gosta de sair em movimentos como jogos de futebol, festas tradicionais como festejos e casamentos, ama cavalgada, está no meio do seu povo é uma satisfação. Ajuda a nossa família também como no plantio da roça, quebra do milho e em outras atividades da agricultura familiar. Agora não com tanta frequência porque ela conseguiu o seu tão sonhado objetivo de estudar direitos, atualmente está no estado do Rio Grande do Sul.

É tão importante ter essas mulheres como referências para me e principalmente essas mulheres do meu povo, que é um orgulho ter elas fazendo parte do meu povo xakriabá, Célia uma pessoa muito simples que conhece todo mundo e que procura ajudar cada um de um jeito

só dela, Nety por sua vez é uma jovem com um futuro imenso pela frente e que ainda vai dá muito orgulho ao seu povo, e que se espelha em Célia para trilhar seu próprio caminho, pois aqui ninguém vem pra da continuidade a história um do outro, mais sim cada um tem que escrever sua história própria.

Mesmo não sendo uma liderança faço parte de uma família composta por duas lideranças que nos envolve nesse meio, mais é algo bastante interessante, mais sei também que cada um pode fazer o papel de uma liderança dentro da sua comunidade principalmente quando se é professor, ou professora, mais também quando se é uma pessoa em constante contato com a liderança.

Atualmente a nossa vice está residindo em outro estado especificamente no Rio Grande do Sul, longe de casa da nossa convivência, buscando seu sonho, ela está estudando direitos para se formar em advogada para no seu retornar pode ajudar seu povo, sabemos que essa distância é muito ruim porque sentimos a sua falta em casa mas sabemos também que elas está buscando seu caminho, e que estamos aqui para lhe dá total apoio, porque não importa onde ela vá seremos sempre a sua base, pois aqui estão as suas raízes.

Capítulo 3

Poesias

3.1. Aldeia imbaúba

Durante a pandemia
Muitas comemorações pararam
Natal e ano novo
Em casa as pessoas passaram.

A nossa virada de ano
Foi totalmente diferente
Não podíamos sair
Para visitar nossos parentes.

Ficará marcado esse momento
Em nossa história
Momento de pandemia
E os eventos que aconteciam.

Mais creio que nosso tupã
Está nos protegendo
Cuidando de nós
E dos males nos defendendo.

Nada mais é como antes
Tudo mudou
Muita coisa aqui dentro
Já parou.
Os festejos tradicionais
Durante esse período não ocorreram

Para evitar aglomerações
Pois vinha gente de outras regiões.

Para essas comemorações
Era muita gente que aparecia
Evento que não aconteceu Por
causa da pandemia.

Os festejos fazem parte
Da nossa tradição
Um evento marcante
Em nossa região

Confesso que sinto
Falta da aglomeração
E dos festejos
Da nossa tradição.

Os nossos festejos
É nossa identidade Temos
vários dentro
Da nossa diversidade.

Esses momentos
Vão voltar
Mais vamos esperar
Essa pandemia passar.

Na educação os professores
Tiveram que se adaptar

Buscando novos caminhos Para o
ensino não parar.

As atividades foram
Desenvolvidas para os alunos E os
professores na casa levavam
Na hora de entregar eles explicavam.

Esse foi um dos desafios
Da educação
Que tiveram que passar Por
adaptação.

Os professores sua
Rotina mudaram
Foram pra fora da sala
Novos métodos eles usaram.

As salas de aula
Não podiam utilizar
Porque na pandemia
As pessoas não pode se aglomerar.

Aos poucos os movimentos
Foram voltando
Por causa das regras
Que foram afrouxando.

Achando que já estava
Controlado a doença
E que o pior tinha passado

Por isso os movimentos foram liberados.

Jogos e festas

Já estão acontecendo

Por causa disso

O número de infectados está crescendo.

No dia 28 de janeiro

Veio a primeira dose de vacinação

Dando a esperança

Para a nossa população.

Muitas pessoas

Quiseram vacinar

Por isso tiveram

Que se cadastrar.

Muita gente compareceu

Para ser vacinados Alguns

conscientes

E outros desconfiados.

Muitos impedidos

Por sua religião Que

acreditavam

Sofrer uma transformação.

O fake News

Veio com força

Confundindo a população

Ficando perdidos Sem

informação.

Alguns até preferiram
Ficar sem vacinar
Porque diziam que ela Não iria
ajudar.

Outros não quiseram
Mesmo por pura ignorância
Mesmo com as informações Não
deixava a arrogância.

Mais logo perceberam
Que não podiam ficar sem vacinar
Porque muitos saiam E
queriam viajar.

E não era liberado
Sem a vacinação
Não podia se deslocar
Para outra região
Pois no embarque
Solicitava o cartão.

Todos devem ser
Vacinados sem exceção
Seja consciente
Vacine por causa da sua população.

Se você for vacinado
E o vírus te pegar Vai ser
sintomas leves
Nem será preciso internar.

A vacina veio
Para as pessoas
De 18 anos acima
Tendo essa idade você já se vacina.

Não pode criança
Mulher amamentando, ou gestante
Então por eles devemos pensar
Por vocês vamos nos conscientizar.

Não somos cobaias
Somos privilegiados
Quem mais no Brasil
Pode ter seus parentes todos imunizados?
A vacina não veio
Para nos matar
Veio para nos proteger
Cuidando dos nossos anciões
Que são os primeiros que ela Deve
receber.

Estamos todas esperançosos
Que essa fase vai passar
Por isso eu peço
Vamos a população indígena vacinar.

Muitos anciões
Em casa foram vacinados
Para não ir ao hospital
Para eles não são recomendados.

Agora estamos
Aguardando a segunda dose
Da campanha de vacinação
Quero ver imunizada toda nossa população.

Vamos todos
Nós vacinar
Peço a vocês do
Território Xakriabá.

Não fiquem com medo
Mostre sua essência
Prove que você veio do povo Chamado
resistência.

3.2. Nos dias atuais

Aqui no território
Já estamos quase todos vacinados
A maioria das pessoas
Já estão todos imunizados.

Ainda falta as crianças
De 0 a 4 anos
E pela previsão a vacina
Também já está chegando.

A quarta dose
Para os idosos já chegou
Em muitas aldeias
Os anciões já vacinou.

A ideia é vacinar
Todos com a quarta dose
Para que não ocorra Uma
nova virose.

Depois da vacina
Os eventos voltaram de montão
Aumentando os casos
Causando grande preocupação.
Com isso veio
Muita aglomeração
Ainda surgiu casos
Na nossa população.

A vacina veio até a nossa aldeia
Para as pessoas imunizar Para não
precisar ir até o posto E não
aglomerar.

A vacina nos trouxe
Uma nova visão Que temos que
seguir em frente Mais com muita
atenção.

Os nossos festejos
Já podemos realizar
Aqui dentro
Do território xakriabá.

Temos o festejo

De santa cruz E
também o de
São Bom Jesus.

O futebol aqui já pode
ser praticado com várias
copinhas e também o
campeonato.

Mas o mais importante
Não podemos esquecer Que foi a
nossa espiritualidade Fortalecer.

Com rodas de conversa
Entre a juventude
Que foram os primeiros A ter
essa atitude.

Com a participação
Dos nossos anciões
Em movimentos
Culturais e reuniões.

Pós pandemia o encontrão da juventude
Veio para nos fortalecer Trazendo
novos conhecimentos E muitos saber.

Na aldeia prata
Foi realizado Foram 3
dias

De muito aprendizado.

Onde foram discutido vários

Temas saúde e educação
Política e também Conscientização.

Tiveram muitas pessoas

Que fizeram acampamento

Para acompanhar esses 3
dias de movimento.

A escola com muita dificuldade

Voltou a funcionar

Com todos os cuidados

Pois a máscara era obrigatório usar.

Alunos e professores

Tiveram que se adaptar

A essa nova forma

Da escola frequentar.

As escolas tiveram muitos desafios

Não só no papel Tiveram que
acostumar-se

Com o uso do álcool em gel.

No início à educação física

Não podia acontecer

Pois o contato direto

Não era permitido ocorrer.

Os desafios foram grandes
Mais agora já está normalizado
Mais devemos lembrar que o vírus Ainda não
foi exterminado.

Com muita luta
E ajuda das plantas medicinal
Estamos vencendo o vírus
Com a nossa ciência ancestral.

Na minha aldeia
Tudo voltou ao normal
Todos com muita saúde Isso é o
principal.

Capítulo 4

Considerações Finais

Neste percurso acadêmico pude perceber o quão importante é nossa organização interna, de como essa organização se movimenta dentro do território e as dificuldades que elas as nossas lideranças enfrentam. Realmente esse trabalho que elas realizam cada uma em sua comunidade não é fácil, além de sofrer represálias. Estando presente no monitoramento com a participação das lideranças, eu percebo que elas são extremamente importantes para nós, nossos guerreiros que sempre estão na linha de frente.

Mesmo estando com meu pai, que é também uma liderança, a gente não tem noção do que é acompanhar esse trabalho na prática, confesso que tinha uma ideia do que elas faziam, mas durante esse monitoramento pude aprofundar ainda mais o meu conhecimento em relação a esse tema. E que a existência dessa organização é um privilégio nosso.

Falar das mulheres indígenas no Brasil é um grande desafio, pois a cada pesquisa que eu fazia percebia que hoje há várias mulheres protagonistas dentro do seu povo, e desafio maior ainda é escolher poucas para falar sobre elas, essa pesquisa também serviu para que eu pudesse conhecer muitas mulheres guerreiras indígenas e que estão aí pelo mundo afora representando e levando a história do seu povo.

História essa que carregamos dos nossos antepassados, como as mulheres ancestrais que viviam e sofriam caladas, sem conhecer seus direitos, que eram lhes negado por parte da sociedade, que enxergavam as mulheres como objetos, algo que podia ser manipulado.

Para a construção deste trabalho tive que ler outros trabalhos já produzidos no FIEL, como por exemplo o trabalho do Werly Pinheiro de Abreu (Dogllas). Que fala sobre a resistência do meu povo Xakriabá, Onde Houver Xakriabá, Haverá Resistência. Onde ele traz a história dos grandes caciques, Rosalino e Rodrigão, os nossos eternos líderes, que já se foram. Além disso, ele trouxe para dentro do seu trabalho acontecimentos que não foram contados. E que provavelmente foi o que ocorreu durante a ditadura militar. Contando a violência sofrida pelos indígenas xakriabá, as entrevistas para a realização desse trabalho foram feitas com os anciãos que estiveram presente nessa época, e com lideranças também.

Daiane Gomes Santana, Juventude Xakriabá-Protagonismo luta e Resiliência Um Pé na Aldeia Um Pé no Mundo. No seu trabalho ela traz a força da juventude Xakriabá, ela relata também a força das mulheres indígenas xakriabá, que é uma parte fundamental do meu

povo, mulheres que lutam e correm atrás dos nossos direitos, nos anos 80 elas atuaram diretamente na luta pela demarcação do território xakriabá.

Muitas das vezes elas eram obrigadas a se esconderem nas matas e até mesmo em grutas, para proteger seus filhos, para que nada e nem ninguém fizesse mal a eles. Esse trabalho relata um pouco sobre o monitoramento xakriabá, o bloqueio das principais entradas do território.

Eu pretendo dar continuidade nesse meu trabalho dentro da minha comunidade, ou até mesmo iniciar um mestrado e uma pós-graduação na universidade. Com esse trabalho tive o prazer de deixar registrado a coletividade do meu povo, posso dizer que sou abençoada por fazer parte desse povo tão cuidadoso e que é um cuidando do outro, meu povo Xakriabá.

Referências

SANTOS, Ariclens Ferreira dos, Oliveira, Aparecido Rodrigues de. A memória da luta pela terra indígena do povo Xakriabá de rancharia. Trabalho de conclusão de curso 2013.

PINHEIRO, Alex Ferreira, Nascimento. Clecia Santos. História de luta de algumas lideranças pataxó de Barra Velha. Trabalho de conclusão de curso 2014.

ABREU, Werly Pinheiro de. (Doglas) Onde houver Xakriabá haverá resistência. Violações dos direitos indígenas no caso Xakriabá durante a ditadura militar. Trabalho de conclusão de curso 2018.

SANTOS, Erilsa dos. A história da demarcação da terra indígena Barra Velha. Conclusão de curso 2018.

SOARES, Edilande Jesus. A história de luta e resistência do cacique Maninho. Pataxó da aldeia Mata Medonha. Trabalho de conclusão de curso 2018.

ARAÚJO, Zezuel Gomes de. "Homenagem a Manoel de Araújo Carneiro" (meu pai) prosseguindo a história de Rodrigo Xakriabá. Trabalho de conclusão de curso 2020.

FREITAS, Daniela Gomes de. Luta e resistência das mulheres no território Pataxó Hãhãhãe. Trabalho de conclusão de curso 2020.

SANTOS, Iran Vieira dos. José Sales: Biografia de uma liderança Pataxó. Trabalho de conclusão de curso 2020.

SOUZA, Sandra Bezerra da Silva. Na conquista dessa terra que garantimos nosso pão: a retomada do território Xakriabá das aldeias Caraíbas e Várzea Grande. Trabalho de conclusão de curso 2020.

CORREIA, Simone Nunes. Organização do povo Xakriabá para enfrentamento da covid-19. Trabalho de conclusão de curso 2021.

SANTANA, Daiane Gomes. Juventude Xakriabá: Protagonismo luta e resiliência um pé na aldeia um pé no mundo. 2020.

Álbum de Fotografias

Figura 2: No monitoramento também há aprendizado. A liderança adão da aldeia Imbaúba fazendo a construção de uma cama usada pelos nossos antepassados, ensinando as crianças ali presente.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3: Monitoramento Xakriabá. Pessoas começando o dia já prontas para preencher as fichas com os dados das pessoas que irão passar nesse local durante o dia. Principal entrada do território.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4: Coletando informação de pessoas que passavam no monitoramento. Preenchendo as fichas com dados das pessoas que passavam no local, aonde ia, se voltava no mesmo dia, qual sua aldeia. Nessa imagem está eu e as minhas duas irmãs fazendo esse trabalho.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 5: Cabana construída pelas pessoas do monitoramento para se abrigarem do sol, com a ajuda das pessoas que ali estavam, cada grupo fez um pouco nessa construção, uns faziam uma parte em dia e os outros terminavam no outro dia e assim foi construída essa cabana.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 6: do território Xakriabá. Por tempo indeterminado fica expressamente proibido a entrada de pessoas não indígenas dentro do território da etnia Xakriabá, faixa colocada para que as pessoas pudessem ver e entender do que se tratava.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7: Responsáveis pela coleta de dados. Eu e minhas irmãs, responsável pela coleta de dados desse dia. Coleta cedido pelo pessoal da saúde, SESAI.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 8: Foto da cabana do monitoramento no período da noite, com a presença só dos homens, nesse momento as mulheres estavam preparando a janta. Os nessa imagem está jogando dominó para passar o tempo.



Fonte: Fotografia de Jucyrema Xakriabá

Figura 9: Hora da refeição. Hora do lanche para os participantes ali presente, com alimentos levado pelo pessoal mesmo e algumas doações dada pelas pessoas que passavam por ali, e alguns vizinhos que nos ajudavam.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10: Preparação de chá com ervas medicinais do nosso território, para se manter na ativa, plantas trazidas no período da tarde pelo uma pessoa responsável por trazê-las para a preparação do chá.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 11: Preparação do alimento, hora das mulheres fazerem a janta, todas as mulheres ali presente se deslocava para a casa mais próxima do bloqueio para ajudar na preparação da mesma. Os homens cortavam a lenha e carregava até esse local.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12: Fogueira para nos aquecer a noite, momento de sentar a beira da fogueira, fazer um chá e contar histórias, lenha retirada pelos homens.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13: Chegada do pessoal da parte da tarde ao local do monitoramento para passar a noite, muitas pessoas deixavam para ir no período da tarde já prontos para a noites pois muitos de dia tinha outros afazeres.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14: Célia Xakriabá na reunião do martírio da morte de Rosalino Gomes, onde foi lançada sua pré candidatura deputada Federal dentro do território.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 15: Joênia Wapichana deputada federal numa reunião com sua comunidade.



Fonte: Instagram

Figura 16: Sônia Guajajara em um movimento assim como muitos que ela participa.



Fonte: Instagram

Figura 17: Txaisurui



Fonte: Instagram

Figura 18: Artemisia Xakriabá



Fonte : Fotografia por João Xakriabá

Figura 19: Samara Pataxó



Fonte: Instagram

Figura 20: Nety Xakriabá, vice-liderança



Fonte: Arquivo pessoal

Anexos**Entrevista Liderança Divaldo Riachinho Xakriabá***Figura 21: Divaldo Riachinho e QrCode da entrevista.*

Fonte: Arquivo pessoal



Entrevista Liderança Adão de Merindo

Figura 22: Adão de Merindo e QrCode da entrevista.



Fonte: Arquivo pessoal

Entrevista Vice-liderança Nety Xakriabá

Figura 23: Nety Xakriabá e QrCode da entrevista



Entrevista liderança Edivaldo liderança aldeia olho d'água

Figura 24: Edivaldo Olhos d'agua e QrCode da entrevista

